

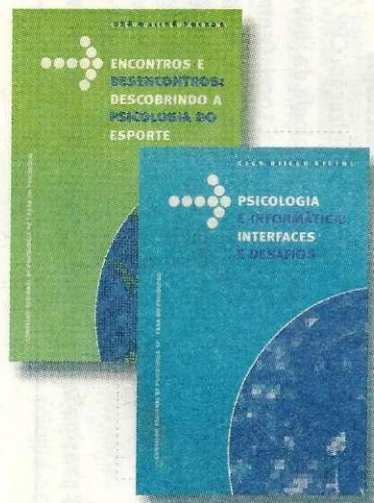
COLEÇÃO QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL & PROGRAMA DIVERSIDADE

Adquira os livros e vídeos lançados pelo CRP SP.

Coleção "Qualificação Profissional" (parceria com a Casa do Psicólogo)

Volume 1 Psicologia e Informática – Interfaces e Desafios

Volume 2 Encontros e Desencontros: Descobrimos a Psicologia do Esporte



Série de vídeos "Programa Diversidade"
(parceria com a TV PUC-SP)

- 1 Loucura e Preconceito
- 2 Adolescente e a Transgressão à Lei
- 3 A Exclusão no Mundo do Trabalho
- 4 Psicólogo na Saúde Pública
- 5 Redução da Idade Penal
- 6 Psicologia e Compromisso Social
- 7 Violência Doméstica



Como adquirir:

→ Na sede do Conselho (recepção): Volume 1 (R\$ 14,00) e Volume 2 (R\$ 18,00) | Fitas Diversidade (R\$ 10,00)

→ Pelo Correio: solicite por carta, e-mail ou telefone à Secretaria do CRP SP. Acréscimo de R\$ 2,00 para postagem.

Obs.: em qualquer caso o pagamento deverá ser feito por boleto bancário.

IV Congresso Nacional de Psicologia – CNP

Brasília – 22 e 23 de junho de 2001

Debates sobre questões atuais da profissão e definições de diretrizes para os Conselhos de Psicologia

Participe das reuniões preparatórias e dos pré-congressos de sua região.

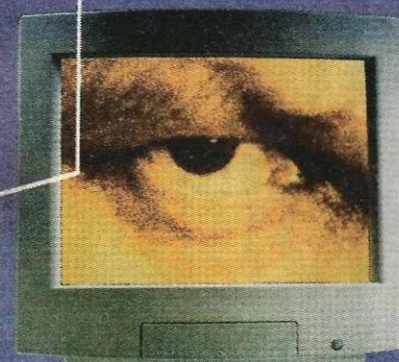
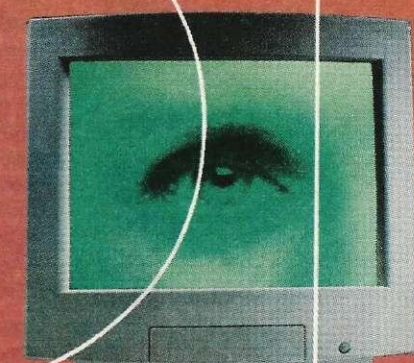
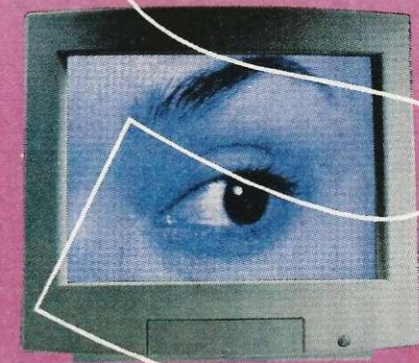
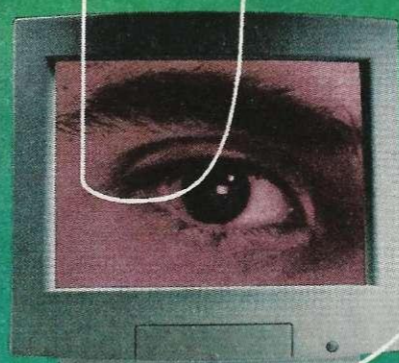
O Congresso Regional de Psicologia, que elegerá os delegados paulistas do IV CNP, acontece em 11 e 12 de maio de 2001, no auditório da sede do CRP SP.

Informe-se na subsele de sua região ou na sede do CRP SP (tel. 3061 9494).

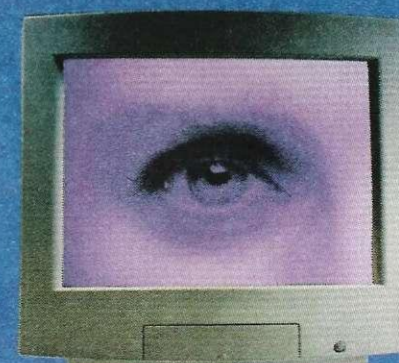
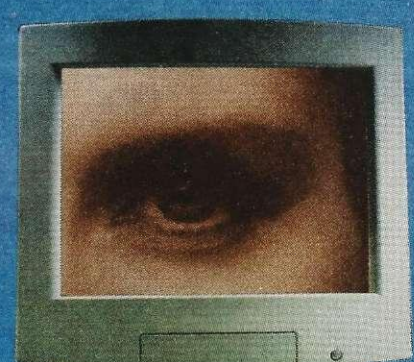
psi

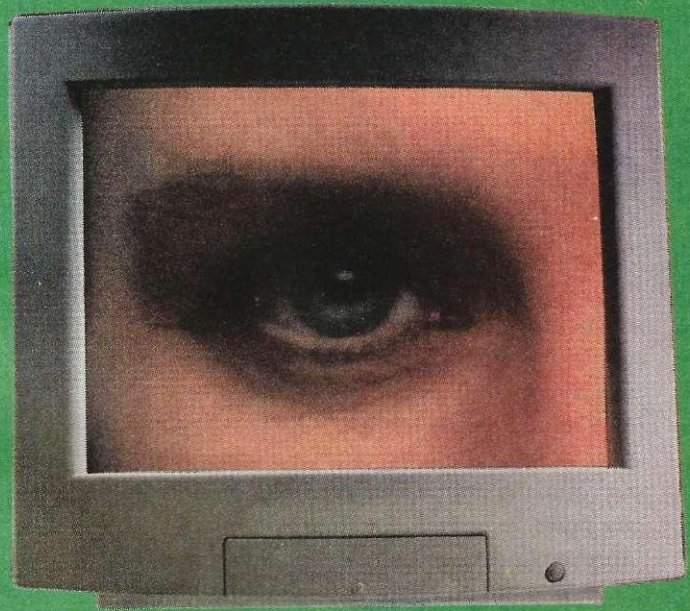
jornal de psicologia  crp sp

ano 17 • número 124 | 125 • set | out | nov | dez 2000



O público e o privado: quais são os limites?





Fotos capa | Montagem a partir de imagens Photodisc

Índice

02 Editorial

Cartas

03 Administração Anuidade do CRP SP sofre reajuste abaixo da inflação.

04 Evento A repercussão da 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia.

Celebração Festa Diversidade foi ponto alto da Mostra.

06 Trabalhos Projetos que representaram SP na Mostra.

Exposição Os vencedores do 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário e do 1º Concurso Palavras&Imagens.

10 Mobilização O lançamento da Campanha Contra a Redução da Idade Penal.

12 Comportamento É cada vez mais difícil delimitar onde termina o espaço público e começa a privacidade.

Tecnologia Mapeamento genético, câmeras de segurança etc.

15 Mídia Exposição da privacidade vira show de TV.

Serviço Um guia sobre a invasão da vida privada.

Diálogos Clotilde Rossetti narra sua trajetória voltada à pesquisa sobre desenvolvimento humano.

21 Informática Orientação e psicoterapia pela Internet: qual a diferença?

Notas

Livros

Orientação A questão do sigilo profissional do psicólogo.

23 Agenda

“Vivemos o fim da reverência à privacidade, fenômeno da era da informação, reforçado pela falta de interesse pela coisa pública.”

Gilberto Dimenstein, *FSP*, 06/08/2000.

“Apesar do nome ‘reality-shows’, esses programas nada têm a ver com a realidade. São encenações manipuladas pela fantástica capacidade da TV de converter qualquer coisa, inclusive a fantasia, em verdade.”

Alberto Dines, *Observatório da Imprensa*, 25/08/2000.

“Numa sociedade em que os bens produzidos não estão em igual alcance para todos e que a cada dia se acirra a miséria econômica e social, é natural que a figura do outro apareça como um inimigo, como aquele que, como na horda primitiva, pode comer o alimento que serviria para mim.”

Paulo Denisar Fraga, psicólogo, *FSP*, 03/09/2000.

“Acho que fui mais transparente que os outros e por isso fui tachada de antipática.”

Andréa, participante do programa “No Limite”, *DP*, 22/09/2000.

“Em programas assim, espectadores rompem um limite: o limite epistemológico que costuma separá-los do lado de lá do mundo das representações. Cidadãos-atores-personagens como que entram na tela para interpretar seus dramas pessoais em cadeia nacional.”

Esther Hambúrguer, antropóloga, sobre o programa “No Limite”, *FSP*, 03/09/2000.



Conselho Regional de Psicologia SP

Psi Jornal de Psicologia CRP SP é uma publicação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, CRP SP, 6ª Região

Diretoria

Presidenta | Lumêna Almeida Castro Furtado
Vice-presidente | Odair Furtado
Secretária | Mariângela Aoki
Tesoureiro | Alexandre Nicolau Luccas

Conselheiros efetivos

André Isnard Leonardi, Bronia Liebesny, Carmem Sílvia Taverna, Katia Rubio, Leliane Gliosce Moreira, Odette de Godoy Pinheiro, Paulo Roberto de Camargo, Rachel Contrucci Alvim, Sandra Maria Sawaya, Vania Conselheiro Sequeira e Wanda Maria Junqueira Neves

Conselheiros suplentes

Ana Stella Álvares Cruz, Adalberto Botarelli, Carla Bertuol, Edinilton Santa Rosa, Elisa Sayeg, Inez Guimarães Pistelli, José Siqueira de Brito Lyra, Márcia Cabral Meireles, Maria Regina Namura, Milton Baldon, Rafaela Cocchiola, Sérgio Ozella, Sueli Pereira Pinto e Valéria Pereira

Gerente-geral Diógenes Pepe

Comissão de Comunicação

Elisa Sayeg, Elizabeth Arouca, Inez Guimarães Pistelli, Katia Rubio, Odair Furtado, Rafaela Cocchiola e Vania Conselheiro Sequeira

Edição e textos Luís André do Prado (MTb 2212)

Reportagem Cristiano Tsonis

Revisão de textos Cláudia Padovani

Fotos Márcia Zoet, Agência Argos

Projeto gráfico e editoração Fonte Design (11) 3081 5892

Ilustrações Gilberto Tomé | Patrícia Gimeno

Impressão Folha Gráfica

Tiragem 48.000 exemplares

Periodicidade bimestral

Sede CRP SP

Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América
cep 05410-020 São Paulo – SP
tel (11) 3061 9494, fax (11) 3061 0306

E-mails

Diretoria | direcao@crpsp.org.br
Informações | info@crpsp.org.br
Centro de Orientação | orientacao@crpsp.org.br
Administração | admin@crpsp.org.br
Jornal de Psicologia | jornal@crpsp.org.br
Site <http://www.crpsp.org.br>

Subsedes CRP SP

Assis | tel. (18) 322 6224, 322 3932
Bauru | tel. (14) 223 3147, 223 6020
Campinas | tel. (19) 3243 7877, 3241 8516
Ribeirão Preto | tel. (16) 620 1377
Grande ABC | tel. (11) 4436 4000
Santos | tel. (13) 3235 2324, 3235 2441
São José do Rio Preto | tel. (17) 235 2883, 235 5047
Vale do Paraíba | tel. (12) 233 3867, 232 9357

A utopia tem futuro no novo milênio?

Chegamos ao último número de nosso jornal do ano 2000 e nos demos conta de que este é, também, o último jornal que produzimos neste milênio... Isso nos faz olhar para trás, nos emocionando com todo o percurso que a humanidade vem percorrendo ao longo de séculos e milênios, ora vivendo períodos marcados por guerras, tensões entre povos, perseguições a grupos étnicos, descobertas revolucionárias, invenções surpreendentes; períodos de grandes e profundas alterações nos padrões de comportamento, de conquistas coletivas e avanços tecnológicos inimagináveis... Enfim, tudo aquilo que a imprensa em geral nos ajuda a recordar nesses períodos de final de ano. Mas este momento nos faz, também, olhar para frente e tentar descortinar o milênio que se inicia. E o futuro nos remete aos sonhos, àqueles sonhos que o tempo que se encerra não foi ainda capaz de realizar; nos faz reviver a utopia de uma sociedade sem desigualdades, mais justa, uma sociedade sem manicômios, sem crianças morando nas ruas, que rompa essa cadeia cotidiana da violência. Enfim, onde a

solidariedade possa dar o tom das relações.

É essa utopia que queremos dividir com cada um de vocês neste momento, desejando que ela se expresse também no particular de cada um. E é com muito orgulho que apresentamos nesta edição um pouco do que foi a **1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia**, realizada de 5 a 7 de outubro no Anhembi. Você vai poder conferir a presença de São Paulo, avaliar a importância desse evento e concordar conosco que essa experiência serve para fortalecer ainda mais nossa convicção de que a Psicologia tem um papel relevante na transformação da realidade social brasileira. Começaremos este novo ano com novos prefeitos eleitos, em todo o Brasil. O tom das eleições foi de renovação. Na cidade de São Paulo – uma das maiores deste planeta – temos o orgulho de ter na Prefeitura uma mulher, psicóloga, que representou no segundo turno uma composição das forças políticas comprometidas com a retomada do processo de construção da cidadania plena. Ainda dentro do cenário das eleições, o CRP SP divulgou à imprensa nota de repú-

dio às manifestações do candidato derrotado, sr. Paulo Maluf, com relação à categoria dos psicólogos (leia na página ao lado).

Tratamos ainda nesta edição da delicada relação entre o espaço público e o privado no cotidiano das pessoas e como a Psicologia pode se fazer presente nessa relação. Aproveitamos para encaminhar a você um calendário do ano 2001, ilustrado com os trabalhos realizados por usuários de instituições de saúde mental que venceram o 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário, na modalidade de “artes plásticas”. Os primeiros colocados nas modalidades poesia e fotografia estão publicados neste jornal. Com o calendário, seguem nossos votos de que a cada dia do ano seja renovada a nossa crença na possibilidade de transformação de nossa sociedade. E que o espírito do Natal traga muita luz ao ano que se inicia, para você e sua família.

Um abraço,

Lumêna Almeida Castro Furtado,

Conselheira-presidenta do CRP SP.

Cartas

Unipsico

Conforme é do conhecimento de V. Sas., foi publicado no *PSI - Jornal de Psicologia CRP SP*, edição 123, página 14, seção “Prática”, reportagem intitulada “Cooperativas de Psicologia que já se tornaram realidade”. Nessa reportagem, a sra. Elda Dunley Machado afirmou, dentre outras coisas, que “a Unipsico da capital está no momento em fase de constituição”. Essa afirmação não corresponde à realidade dos fatos, tendo causado uma onda crescente de protestos dos cooperados que se sentiram achincalhados com tal atitude, já que a Unipsico de SP é constituída desde 13 de novembro de 1987, sendo a pioneira do sistema Unipsico, além de única detentora da marca e da logomarca usadas pelas demais Unipsicos. (...) Além disso, a Unipsico de SP, como cooperativa, está devidamente inscrita junto a este Conselho há mais de 05 (cinco) anos, motivo pelo qual era de conhecimento a sua real existência e, ao não observar tal fato noticiando informação inverídica, este Conselho tornou-se responsável solidário por todo o dano causado. (...)

Mercedes Teixeira João, diretora-presidenta da Unipsico de SP.

Esclarecemos que o erro de informação apontado pela presidenta da Unipsico de SP na citada matéria não partiu da sra. Elda Dunley Machado, como mencionado, mas da própria reportagem do PSI - Jornal de Psicologia CRP SP. A informação não está entre aspas e em nenhum momento é atribuída à sra. Elda no texto da reportagem. A carta dá-nos oportunidade de reparar a falha, pela qual lamentamos. Ressaltamos, contudo, o tônica favorável e de estímulo ao movimento cooperativista que marcou toda a reportagem, espírito esse que, acreditamos, deve pautar também o relacionamento entre os integrantes desse importante movimento.

Mostra

Faz apenas um dia que nossa 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia acabou e já deixa saudades. Saudades da Mostra de painéis, dos teatros, das homenagens, das mesas-redondas, da “muvuca”, das trocas, das pessoas, pessoas, pessoas. (...) Que essa seja realmente a Mostra Social de número 1; que os acertos sejam repetidos e as imperfeições (inerentes aos seres humanos que somos) sejam lições que nos ensinem a melhorar a próxima.

Lucio Guilherme Ferracini, psicólogo e psicodramatista, SP, Capital (por e-mail).

Partilhamos de seu saudosismo e estamos certos de que a Mostra representou um momento histórico para a Psicologia brasileira. Registramos aqui nosso agradecimento a todos que nos enviaram cartas e e-mails elogiosos ao evento. O sucesso da Mostra é, acima de tudo, da categoria.

Maluf

Foi com indignação que no último dia 20 de outubro assisti ao programa eleitoral do candidato Paulo Maluf à Prefeitura de São Paulo. A certa altura, ao comparar os currículos do representante do PPB com o de sua adversária, o locutor recomenda que a população de São Paulo não deveria votar “numa simples psicóloga”. A declaração, evidentemente, reveste-se de um caráter discriminatório e atenta contra a categoria. (...) Acho que o CRP SP, como órgão máximo de representação da categoria no Estado, deveria se posicionar publicamente contra o teor das declarações desse senhor, que revelou mais uma vez sua personalidade autoritária.

Francisca Maria da Paixão, estudante de Psicologia, SP, Capital (por e-mail).

A resposta à sua carta, e aos diversos outros profissionais que ligaram ou escreveram ao CRP SP protestando contra a propaganda eleitoral pegebista, está na nota que publicamos na página ao lado. Confira!

Ontopsicologia

Gostaria de que vocês averiguassem uma “linha” da Psicologia que se chama ontopsicologia. Esse pessoal se diz psicólogo e tem práticas muitíssimo alienadas; parece ser uma seita. Trabalham com filmes, idolatram o “descobridor” dessa linha, um italiano que a cada dois meses vem ao Brasil. Cada consulta com esse pseudopsicólogo custa em média US\$500,00. As informações que tive recentemente são de que ele já foi preso na Itália por exercício ilegal da Psicologia. Aqui no Brasil, algumas pessoas que trabalham para ele também se dizem psicólogos; mas ele próprio diz que para ser ontopsicólogo você não precisa ser psicólogo. Quem forma esses psicólogos é ele mesmo. Gostaria de que essa prática fosse investigada a fundo, pois muitas pessoas a freqüentam, dispendem quantias enormes de dinheiro pensando que se trata de um tratamento psicológico sério e acabam sendo enganadas. (Agora pede para não ser identificada.)

O CRP SP verificou que existem cursos de “ontopsicologia” sendo ministrados por psicólogos e entende que essa prática não constitui uma técnica científica reconhecida pela Psicologia. Portanto, seu uso por parte de psicólogos infringe a ética, devendo ser denunciado ao CRP SP, que já está tomando as devidas providências. ●

Reajuste da anuidade fica abaixo das taxas inflacionárias

No próximo ano, as anuidades do Conselho Regional de Psicologia SP estarão sofrendo um reajuste de 4.17%, passando dos atuais R\$ 120,00 para R\$ 125,00. Comparando as taxas inflacionárias acumuladas pelo IPC/FIPE entre 1999 (8,33) e 2000 (4,1 até out.) com os reajustes realizados pelo CRP SP no mesmo período (8,11% no total), a defasagem acumulada é de 4,32%. Observando ainda as expectativas inflacionárias para o próximo ano, estimadas entre 5% e 9%, o aumento proposto ficará bem abaixo da inflação futura. A correção justifica-se, portanto, como necessária para a manutenção dos níveis orçamentários, impedindo que o Conselho tenha de adotar medidas restritivas aos trabalhos que vem desenvolvendo.

O CRP SP tem investido em projetos diversos que objetivam orientar e informar melhor o profissional, incrementando seu sistema de comunicação. Além de publicar bimestralmente o *PSI - Jornal de Psicologia CRP SP*, apenas no ano 2000, implementou vários projetos novos na área. Por exemplo, o programa de TV **Diversidade**, realizado a partir de um convênio com a TV PUC e veiculado pelo canal 15 das TVs a cabo, com a finalidade de criar uma interface do Conselho com a sociedade, abordando temas da Psicologia de interesse para o público em geral. Foram criados, também, os informativos **Via Subsede**, canais diretos de comunicação entre as subseções do Conselho e os psicólogos a elas vinculados, contendo informações específicas de cada região. Em 2001,

o novo site do CRP SP entrará no ar e será lançada uma revista temática sobre "práticas" da psicologia, em edição especial em cores, tendo em seu primeiro número o tema "Psicologia e Compromisso Social". Foi também criada em parceria com a Casa do Psicólogo a coleção de livros "Qualificação Profissional", já com dois volumes lançados e um no prelo. Outras coleções estão previstas para lançamento.

Na área de eventos, o Conselho tem multiplicado significativamente o número de encontros, os ciclos de debates, os simpósios etc., promovendo o intercâmbio de idéias sobre temas atuais e de interesse profissional. Alguns dos mais concorridos em 2000 foram os simpósios, "Psicologia e Informática" e "Encontros e Desencontros: Descobrir a Psicologia do Esporte", os ciclos "Psicologia no Mundo do Trabalho" e "Preconceito: Violação aos Direitos Humanos e Sofrimento Psíquico", dentre diversos outros.

Tudo isso sem falar da 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia (realizada com o CFP e os demais Conselhos de Psicologia) e do Videoclube CRP SP, agora quinzenal,

em seu quinto ciclo de debates. Criado para acontecer simultaneamente ao Videoclube, o Café Diversidade já se tornou um ponto de encontro da Psicologia nas noites de sexta-feira. Para manter esse ritmo de atividades (muita coisa vem pela frente) e continuar proporcionando ao psicólogo um atendimento de qualidade, a adequação nos custos é fundamental. Ao lado, publicamos um quadro comparativo com as anuidades praticadas por órgãos congêneres, demonstrando que as taxas praticadas pelo CRP SP são compatíveis e, na maioria das vezes, mais baixas. ●

Conselho Regional	Anuidade 2000
CREMESP (Medicina)	R\$ 203,36
CRO (Odontologia)	R\$ 200,00
COREN (Enfermagem)	R\$ 129,82
CRESS (Serviço Social)	R\$ 170,00
CRBio (Biologia)	R\$ 112,00
CRC (Contabilidade)	R\$ 199,00
CRFa (Fonoaudiologia)	R\$ 180,00
CRF (Farmácia)	R\$ 155,87

Como pagar

O CRP SP disponibiliza algumas opções para o pagamento das anuidades. Veja as formas de pagamento:

- À vista em janeiro: R\$ 121,50 (desconto de 2.8%)
- À vista em fevereiro: R\$ 123,25 (desconto de 1.4%)
- 3 parcelas de R\$ 41,66 (janeiro, fevereiro e março)

Nota à imprensa repudiou atitude de Maluf

Em 27 de outubro, o CRP SP divulgou nota à imprensa repudiando as ofensas contra a categoria profissional dos psicólogos veiculadas nos últimos programas da campanha eleitoral e em entrevistas em rádio e TV pelo candidato derrotado à Prefeitura de SP, Paulo Maluf, PPS. Na ocasião, Maluf afirmou que os eleitores paulistanos deveriam "escolher entre um político e administrador experiente ou uma psicóloga, sexóloga", aludindo pejorativamente à categoria, como se essa fosse incapaz de administrar. Além disso, feriu moralmente os psicólogos ao associar a profissão a práticas libertinas e pornográficas. Leia a seguir a íntegra da nota do CRP SP:

"A categoria profissional dos psicólogos é capacitada para atuações inúmeras, nas áreas e modalidades de especialização, tais como: saúde, educação, família, jurídica, assistência social, direitos humanos, trânsito, esportes, docência universitária, pesquisa, consultoria e assessoria institucional e empresarial em relação de trabalho, desenvolvimento e capacitação de recursos humanos etc. A psicologia norteia-se pela construção e pelo desenvolvimento da saúde mental nas relações sociais. O compromisso dos psicólogos e da Psicologia com a sociedade é, também, o de contribuir para o desenvolvimento humano saudável, desde o acompanhamento do pré-natal até a terceira idade, cuidando, por exemplo, da orientação na adolescência para reduzir os riscos das doenças sexualmente transmissíveis, da AIDS, da dependência de drogas, do trauma da gravidez gerada pelo estupro, da violência e das relações corruptas". ●

CRP SP quer decisão sobre especialistas no IV CNP

Continua o debate sobre a "regulamentação de especializações" em Psicologia. Em reunião que realizou em dezembro, a Assembleia das Políticas Administrativas e Fiscais - Apaf - dos Conselhos de Psicologia decide o encaminhamento a ser dado sobre a questão, podendo aprovar o registro ou prorrogar o debate. Ao longo deste ano, os Conselhos de todo o país realizaram debates procurando aprofundar a discussão junto aos profissionais. "Em São Paulo, promovemos debates em todo o Estado, em eventos realizados na sede do Conselho e nas subseções. A maioria das pessoas que participaram desses eventos se posicionou criticamente com relação à questão. Argumentou-se, por exemplo, que o trabalho dos Conselhos poderia ser o de qualificar e definir critérios para os cursos que já existem", comenta Lumêna Castro Furtado, conselheira-presidenta do CRP SP. Em reunião realizada dia 27 de outubro, o Plenário do regional paulista discutiu a posição a ser levada pelo CRP SP à Apaf. A decisão foi "defender a ampliação do prazo para a discussão, até para que se possa fazer uma tomada de decisão com mais qualidade, pois a questão é complexa e envolve muitas variáveis", define Lumêna. O Plenário indicou que a questão deve ser resolvida no próximo IV CNP, nos dias 22 e 23 de junho de 2001, em Brasília. Caso a Apaf não aprove essa ampliação de prazo, a posição do Plenário do CRP SP é "contrária" à criação do registro para especialidades da Psicologia. ●

Evento

A psicologia mostra como tornar o

Cerca de 15 mil visitantes e mais de 1.500 trabalhos apresentados por aproximadamente 5 mil expositores. Os números comprovam o sucesso da **1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia**, promovida pelos Conselhos de Psicologia do Brasil entre 5 e 7 de outubro, no Palácio de Convenções do Anhembi, São Paulo. Atingimos a meta mais importante do evento: trazer a público e valorizar o trabalho realizado por uma Psicologia comprometida com as questões sociais. Além disso, criou-se um espaço de troca de experiências e idéias, fortalecendo uma rede de contatos em cada área específica. Registramos a seguir opiniões de pessoas que participaram da Mostra e puderam conferir e avaliar pessoalmente a importância deste evento que podemos desde já situar como um marco importante na história da Psicologia brasileira.



As apresentações de Chico César e The Karnak, com André Abujamra: poesia e entusiasmo.

“Essa iniciativa, além de outras, vem remarcando nos últimos anos a tarefa cidadã a que o CFP e os Regionais vêm se dedicando no Brasil. A relação entre o particular e o coletivo, entre o indivíduo e a sociedade é uma coisa em que a Psicologia precisa transitar. Precisa cada vez mais sair daquela imagem clássica do mundo do divã, do mundo do consultório para o mundo do social. Claro que boa parte dos psicólogos nunca abandonou essa perspectiva social, mas o estereótipo sempre foi esse. A Psicologia sempre associada a uma atividade de atendimento individual e isso foi quebrado quando apareceu a noção de Psicologia Social. Apenas agora estamos tendo uma reorientação para esse sentido, e isso é muito positivo.”

Mário Sérgio Cortella, educador homenageado com o Troféu Paulo Freire.

“Acho superimportante a realização desta Mostra. Apesar de ser a primeira experiência, espero que aconteçam outras.”

Geni Regina Pizani, psicóloga de Casa Branca, SP.



Stedille, do MST, e Frei Betto recebem o Troféu Paulo Freire, prêmio criado para homenagear brasileiros que tenham se destacado pelo compromisso social.

“Creio que a Mostra desempenhou o importante papel de sensibilizar, sobretudo jovens psicólogos e estudantes de Psicologia, para a dimensão política da Psicologia, ou seja, para a relação entre essa ciência e o exercício do poder em uma sociedade na qual a desigualdade social é gritante e inaceitável. No entanto, para que esse primeiro passo dê bons frutos é preciso promover eventos que aprofundem as questões que a Mostra levantou, nos quais elas sejam fundamentadas e debatidas com o vagar requerido pela reflexão teórica.”

Maria Helena Souza Patto, mestra em Psicologia Social, homenageada durante a Mostra com o Troféu Paulo Freire.

“Estou surpreendido. Sempre imaginei que os psicólogos pertenciam a uma categoria acomodada; mas estou vendo que, além de entender dos problemas da cabeça, eles se preocupam também com o intercâmbio de idéias e com a troca de experiências. Fiquei gratificado com essa homenagem, pois, mais do que um agrado pessoal, é acima de tudo uma homenagem a todos os trabalhadores que lutam por mudanças neste país.”

João Pedro Stedille, líder do MST, homenageado durante a Mostra com o Troféu Paulo Freire.

“A Mostra nos deu oportunidade de presenciar o que está sendo feito dentro da Psicologia em todo o país, principalmente na área da saúde mental. Existem muitos trabalhos nessa área que podem trazer novas idéias.”

Ana Flávia Rodrigues Silva, estudante do 2º ano de Psicologia da Univale, Governador Valadares, MG.



Apresentação do Coral Cênico de Saúde Mental do SOS Saúde Mental na abertura da Mostra.

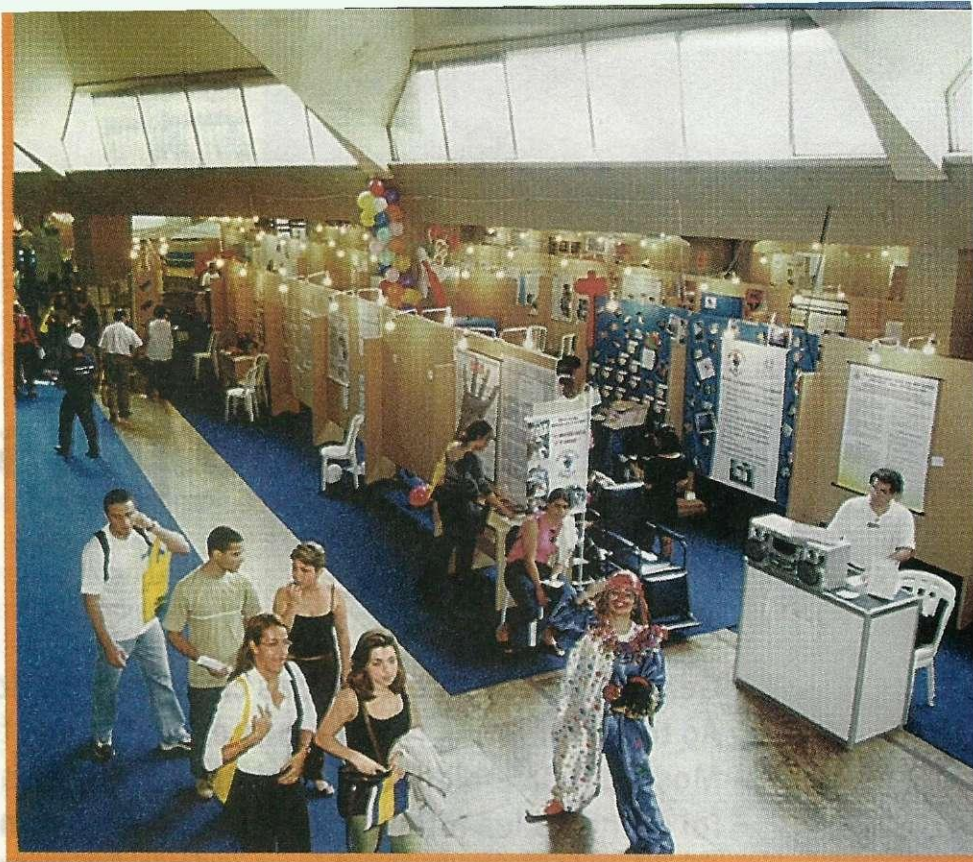
Brasil mais justo



Público lota o hall de entrada do Anhembi.

“Poderíamos ter mais debates por tema de interesse que promovessem a troca entre os estudantes e os profissionais de Psicologia do país. Enfim, pudemos constatar que os trabalhos apresentados na Mostra não são ensinados em sala de aula. Eles se dão quando o profissional sai para buscar com seu saber promover condições de auxiliar os grupos humanos organizados na sociedade, infelizmente tão desigual no nosso país.”

Ricardo Sant’Ana de Oliveira, coordenador-geral eleito pelo Conselho Nacional de Entidades Estudantis de Psicologia, Conep.



Panorâmica dos estandes onde os trabalhos foram expostos.

“Adorei; foi superinteressante. Pudemos ter contato com pessoas do Brasil inteiro e trocar idéias. Foi também um reconhecimento de nosso trabalho.”

Mariana Almeida, psicóloga, integrante do Projeto Miguilim, de Belo Horizonte, MG

“Foi uma oportunidade excelente para nós, que temos projetos pouco conhecidos. Pudemos também aprender com os trabalhos e projetos do resto do país, conseguindo com isso um crescimento profissional.”

Cláudia de Almeida, psicóloga, integrante do Projeto Trilhando Novos Caminhos da Psicologia Comunitária, de SP.

Celebração

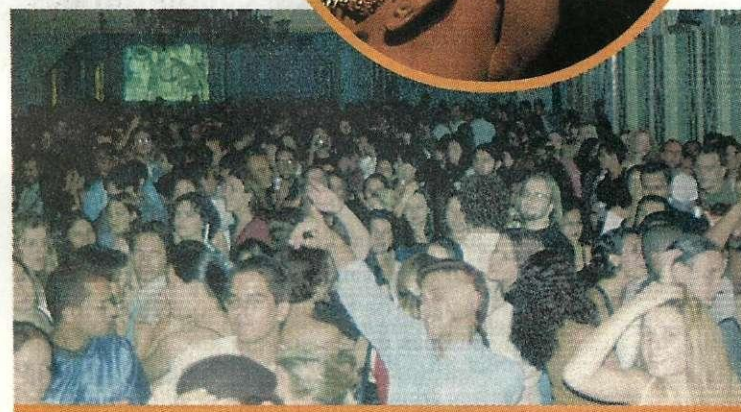
multiplaCidade: mundos diversos numa só festa

Um dos momentos mais animados da 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia foi a festa “DiverCidade”, que reuniu cerca de 1.300 pessoas no salão da União Fraterna, na Lapa, dia 7 de outubro. O evento foi promovido pelos integrantes do Grupo DiverCidade, filhote do “multiplaCidade”, um movimento de vocação social que nasceu de alianças entre serviços de saúde mental e ONGs, serviços, empresas e pessoas identificadas com a reforma psiquiátrica. “As festas constituem um valioso instrumento de promoção de subjetividade, recuperando a dimensão pessoal num campo coletivo e ressignificando normas e valores”, afirma Jonas Melmam, psiquiatra, integrante do movimento multiplaCidade e do Grupo DiverCidade.

O Grupo nasceu a partir de uma parceria com o CRP SP, por meio da Associação Franco Basaglia, com o objetivo de comandar o Café DiverCidade, que funciona nos fundos da sede do Conselho desde o início de 2000, nas noites de sextas-feiras (paralelamente ao Videoclube CRP SP). Está agora se organizando como cooperativa de trabalho, voltada para a produção de festas e eventos sociais, artísticos e culturais. Entre seus integrantes, conta com profis-

sionais e usuários de saúde mental, jornalistas, artistas plásticos, designers, artesãos, palhaços, performáticos, músicos, produtores de vídeo e rádio. “Fazemos da diversidade, da mistura e da contaminação nossa marca e temos a diferença como questão a ser debatida, refletida, flexionada, produzida, multiplicada”, define Melmam. O projeto do Grupo é multiplicar os ambientes em quais possam disseminar as idéias do movimento que lhe deu origem, o multiplaCidade, por meio das festas que promove.

Na verdade, a festa da 1ª Mostra foi a terceira grande celebração coletiva vinculada ao multiplaCidade. A primeira aconteceu em agosto de 1998, articulando múltiplas iniciativas e linguagens - música, dança, vídeo, fotografia, exposição, feira, diversão, arte -, e acabou dando origem ao movimento. A segunda festa aconteceu em maio de 1999, reunindo aproximadamente 1.200 pessoas. A estratégia do movimento multiplaCidade é justamente estimular, criar e inventar espaços favoráveis de experimentação individual e coletiva, onde os sujeitos possam explorar e expandir suas múltiplas possibilidades existenciais. “O projeto de construção de



Festa DiverCidade: solidariedade e diversão.

uma sociedade sem manicômios implica necessariamente uma abertura profunda e radical da saúde mental para os mais diversos atores sociais. Queremos transformar a relação que a sociedade estabelece com os diferentes, com aqueles que se desviam dos modelos de normalidade. Desejamos fazer da diferença instrumento de enriquecimento dos processos produtivos e dos vínculos entre as pessoas. Propomos um mundo mais tolerante, solidário e divertido. Um mundo com mais festa”, conclui Jonas. ●

Contatos: Grupo DiverCidade/movimento multiplaCidade: tel. (11) 3171 2632.

Idéias e projetos de todos os cantos do país

Gente de todos os cantos das cinco regiões do Brasil. Ao todo, foram 1.537 trabalhos expostos nos três dias de Mostra. A diversidade de projetos e trabalhos apresentados foi grande. Eles foram apresentados em estandes, formando ruas temáticas subdivididas em doze áreas de atuação (educação, violência, jurídica, criança e adolescente, trabalho, melhor idade, família, trânsito, comunidade, formação do psicólogo, mulher, saúde). Na impossibilidade de descrever todos os projetos, apresentamos a seguir alguns que representaram São Paulo na Mostra.



Elaine Bortollezi (ao centro), do Projeto "Sexualidade Antropofágica", com integrantes de grupo da Unesp/Assis.



Estandes da rua sobre Saúde Mental.

Trilhando Novos Caminhos da Psicologia Comunitária – Atendimento Psicológico em Delegacias de Polícia, uma Vivência Clínica

O trabalho surgiu de um estágio de alunos do 4º ano de Psicologia da Universidade São Judas Tadeu. Notou-se que diversos casos que chegavam às delegacias não eram para registro de boletins de ocorrência, mas de pessoas que buscavam auxílio psicológico. "Mesmo os casos que precisavam de boletim de ocorrência também necessitavam de um apoio psicológico prévio. Percebemos essa necessidade e fizemos uma proposta para o delegado. Então, abrimos uma sala que funciona dentro de um distrito policial", relata a psicóloga Cláudia de Almeida.

Projeto "Patuá da Mãe-d'umbigo – Simbologia Espiritual da Mãe-d'água"

Pesquisa desenvolvida por quinze anos pelo psicólogo Roberto F. Valda Chanez na localidade de Ilha das Cobras, situada entre Pernambuco e Paraíba. A região abriga índios da etnia tupi-guarani que fugiram da devastação dos litorais e ali se agruparam, vivendo atualmente ao redor de fazendas. "O trabalho foi realizado com aquelas que eu chamo de as primeiras médicas brasileiras, as mães-

d'umbigo, índias que acompanham toda a gestação e o nascimento das crianças. Quando necessário, elas utilizam ervas como medicação. Além disso, usam patuás (amuletos) grandes e pequenos, sendo que o grande é usado pelas mães-d'umbigo (parteiras) e os pequenos são usados pelas mães-d'água (gestantes). Durante todo o processo de gestação, as mães-d'água ficam com o patuá e, no momento do nascimento, elas o devolvem", comenta Roberto. Poucas mães-d'umbigo sobrevivem nessa atuação, principalmente depois que chegaram os ambulatórios médicos à região. O psicólogo apresentou na Mostra 16 cópias de símbolos femininos em argila e madeira tradicionalmente confeccionados pelas mães-d'umbigo em materiais mais delicados, como retalhos e folhas.

Sexualidade Antropofágica

Projeto desenvolvido no Depto. de Psicologia Clínica e Núcleo de Estudos Sobre Sexualidade do Núcleo de Assis, da Unesp. Volta-se para a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST). "A instalação que apresentamos na Mostra é uma das atividades que desenvolvemos e colocamos em vários lugares públicos. Nosso foco principal é pensar as questões que envolvem a sexualidade. Fazemos uma tentativa de aproximar daquilo que envolve os encontros afetivos, sob a visão da orientação. É uma proposta "antropofágica" no sentido de devorar o que é vital para a vida", define Elaine Bortollezi, socióloga e integrante do Projeto, coordenado pelo psicólogo Fernando Teixeira Silva Filho.

Formação de Novos Signos e Desestratificação na Saúde Mental

O projeto apresenta como alternativa aos tratamentos tradicionais de pacientes esquizofrênicos uma oficina de rádio, a "WYK-980 KHZ", que funciona no hospital-dia do Caps de Perdizes, São Paulo. Abrahão de Oliveira Santos, prof. de Psicologia na Universidade do Grande ABC e doutorando no Núcleo de Subjetividade da PUC-SP, foi quem inscreveu o trabalho na Mostra. No resumo do projeto, ele relata que o trabalho prevê formas de fazer saúde que vão além da reabilitação,

pois "não se trata de tornar alguém menos capacitado em alguém mais capacitado. Ao contrário, damos atenção ao inesperado, ao balbuciante, à transgressão da língua (...) àquilo que se apresenta como vivência da loucura e forma novos signos da experiência da psicose".

Construindo uma Parceria Universidade – Escola Pública

O projeto é fruto da preocupação de um grupo de professores da Faculdade de Psicologia da PUC-SP em atuar e produzir conhecimento na área de Educação. O objetivo maior do projeto é inserir criticamente o aluno de Psicologia na realidade da escola pública. Desde 1994, esse trabalho vem oferecendo a oportunidade de estágios e de realização de pesquisas em escolas da rede pública de São Paulo. "O acompanhamento e a avaliação sistemáticos das experiências realizadas foram revelando a necessidade de um trabalho contínuo e não pontual, o que resultaria em ganhos de qualidade não só para cursos, estágios e pesquisas desenvolvidos e para a qualidade da formação oferecida aos futuros psicólogos, como também para as escolas nas quais os estágios e as pesquisas seriam realizados", relata a profa. Maria de Lourdes Bara Zanotto.

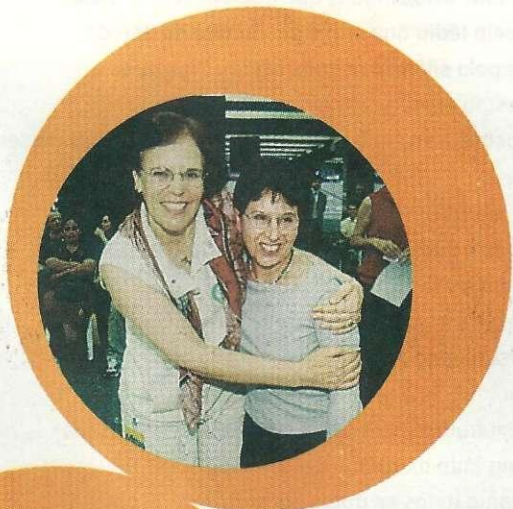
Projeto Cinelândia

O projeto foi desenvolvido dentro do CAPS – Itapeva no ano de 1998. A proposta era a de construir um espaço que contribuísse para o tratamento e a reabilitação psicossocial dos usuários da instituição. A técnica escolhida foi a da seleção de cenas de filmes que provocassem curiosidade e proporcionassem debates entre os usuários. As duas chaves temáticas utilizadas foram a sexualidade e a loucura. A sexualidade foi representada por *Para Wong Foo, Obrigado por Tudo, Será Que Ele É?* e *Forrest Gump*, *o Contador de Histórias*, dentre outros. O tema loucura contou com trechos de alguns filmes, dentre eles *Shine* e *Melhor é Impossível*. Ao apostar na linguagem do cinema como fonte poderosa para suscitar reações nas pessoas, as psicólogas Thaís Goldstein e Sílvia Vaie, coordenadoras do projeto, conquistam vitórias proveitosas na comunicação interna do grupo.

A arte produzida por psicólogos e usuários



Exposição das obras: um encontro entre profissionais e usuários através da arte.



A presidenta do CFP, Ana Bock, entrega o 1º lugar na modalidade poesia do Concurso P&I à psicóloga Rosanna Pavesi.



A presidenta do CRP SP, Lumena Furtado, entrega o 3º lugar em poesia do Concurso P&I à psicóloga Elaine Armenio.



Reinaldo Nascimento Bezerra, da Assoc. SOS Saúde Mental, entrega o 1º lugar em artes plásticas do 2º Prêmio Bispo do Rosário a Mônica Lencioni.



Jonas Melmam, da Assoc. Franco Basaglia, entrega o 1º lugar em poesia do 2º Prêmio Bispo do Rosário a Maria Haydee Sorensen.

Um ponto alto da Mostra foi a exposição que apresentou os trabalhos vencedores de dois concursos nacionais: 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário, voltado para usuários dos serviços de saúde mental, e 1º Concurso Palavras & Imagens, destinado a profissionais de Psicologia que também desenvolvem atividades artísticas. A exposição reuniu 84 obras, subdivididas em três modalidades: artes plásticas, fotografia e poesia.

Além da exposição, durante a Mostra também aconteceu a solenidade de entrega de prêmios aos ganhadores dos dois concursos. Confira a seguir a relação dos três primeiros colocados nos dois prêmios (em cada modalidade), além das fotos e da íntegra das poesias vencedoras. As obras ganhadoras na modalidade artes plásticas do 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário estão no calendário de final de ano do CRP SP, que você está recebendo com esta edição.

2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário

Júri

Artes plásticas

Ana Alice Francisqueti, artista plástica e arte-terapeuta da AACD.

Maria Heloísa C. Toledo Ferraz, profa. da USP, autora do livro *Arte e Loucura - Limites do Imprevisível*.

Joca Milan, marchand e pesquisador de artes-plásticas.

Fotografia

Eduardo Castanho, fotógrafo.

Iolanda Husak, fotojornalista.

Jorge Araújo, fotojornalista da *Folha de S. Paulo*.

Poesia

Ana Maria Lofredo, psicanalista e profa. do IPUSP.

João Bosco Alves de Souza, psicólogo e escritor.

Selma Ciornai, psicóloga, coord. do Curso de Arte Terapia do Sedes Sapientiae.

Vencedores

Fotografia e Poesia

Veja os trabalhos vencedores nas páginas seguintes.

Artes Plásticas

1ª colocada - "Mona", escultura em terracota, obra de Mônica Lencioni, usuária da Unidade em Farmacodependência do Jabaquara - PMSP, SP/SP.

2ª colocada - "Uma História Africana", acrílico sobre tela, obra de Marcos Vinícius de Azevedo, usuário do Centro de Convivência Carlos Prates.

3ª colocada - "Figuras 2", PVA sobre tela, obra de Edson Francisco, usuário da Instituição Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira.

1º Concurso Palavras & Imagens

Júri

Artes plásticas

Sérgio Fingermann, artista plástico.

Silvio Coutinho, artista plástico e arte-educador do MAC-SP.

Suely Rolnik, psicanalista, profa. da PUC-SP.

Fotografia

Eduardo Castanho, fotógrafo.

Iolanda Husak, fotojornalista.

Jorge Araújo, repórter fotográfico da *Folha de S. Paulo*.

Poesia

Ana Maria Lofredo, psicanalista e profa. do IPUSP.

Miguel Ângelo Y. Perosa, psicoterapeuta, autor de *Descobrir a Si Mesmo - A Passagem Para a Adolescência*.

Selma Ciornai, psicóloga, coord. do Curso de Arte-terapia do Sedes Sapientiae.

Vencedores

Fotografia e Poesia

Veja os trabalhos vencedores nas páginas seguintes.

Artes Plásticas

1ª colocada - "O Mundo: Mandala", de Rosanna Pavesi, SP/SP.

2ª colocada - "Loucura", de Luciano Nobre Resende, SP/SP.

3ª colocada - "Sem título", de Eduardo Gomes Pereira, SP/SP.

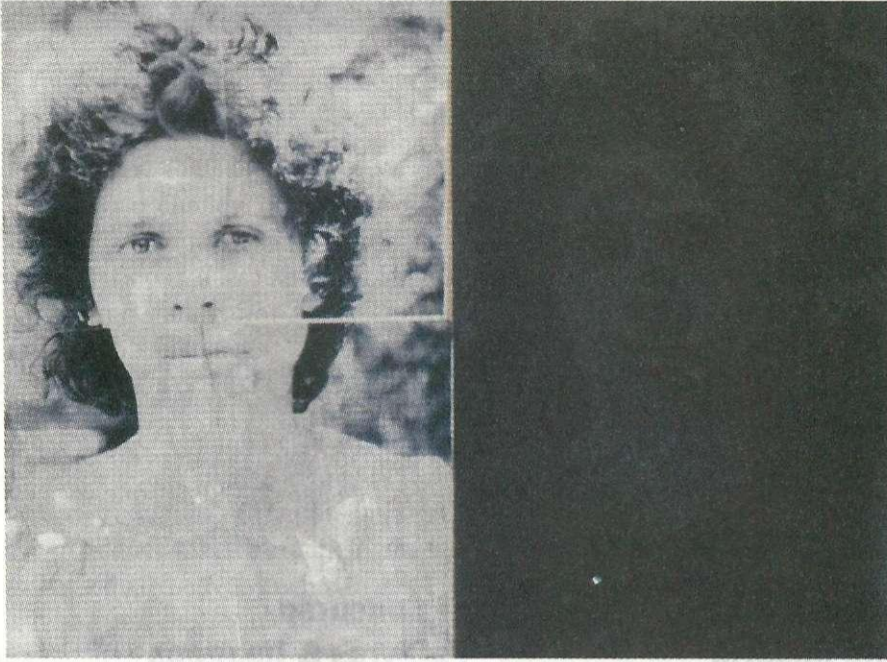
"A poesia é uma coisa inerente a mim desde criança e foi muito válido participar deste Prêmio. A comissão que o julgou foi de uma seriedade muito grande. Que ele aconteça por muitos anos e que seja cada vez melhor."

Maria Haydee Sorensen, 1º lugar na categoria poesia do 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário.

"Foi uma forma de divulgação; pessoas vieram me convidar para expor. A arte é a minha vida; eu moro dentro de meu ateliê. Vivo e respiro arte... As pessoas têm uma concepção da arte como uma coisa fora da realidade, mas a arte é uma maneira de se viver."

Mônica Lencioni, 1ª colocada na categoria artes plásticas do 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário.

2º prêmio Arthur Bispo do Rosário



1ª colocada – “Retrato Programado”, de Maria Aparecida de Paula, usuária do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, Campinas, SP.

Cheiro de Mãe

Saudades de toques, acordes e risos...
Quando a tarde finda, acende-se o lampião.
O vermelho do crepúsculo tem a leve transparência de véus – vermelho *hibiscus*.
O balanço da rede na varanda sabe.
O cheiro de hortelã com um leve toque de sândalo.
O doce canto do vento nas folhas da mangueira – sabe a infância sofrida
mas protegida pela centenária mangueira.
A cadeira vazia está. Num canto escondido, empoeirada. E a mesma poeira encobre as cordas do violão, já não vibram mais.
A tarde cai mais tarde,
O tempo custa – a passar – posto que – a saudade – presença do ausente – tomou todo o lugar.
O agridoce sabor do tempo ido o antigo cúmplice – mais que amigo.
O tempo apagou sua energia, em doces rugas tornou-se o sorriso,
de pai alegria, correndo o véu de uma doce lágrima.
Sol no olhar, lua no sorriso, trazendo certa melancolia.
E o coração a bater melodia triste e nada se sabe, nada se disse
daquela que ali reinou um dia!!!

2ª colocada – de Magda Christina de Souza, membro do Ambulatório de Saúde Mental de Praia Grande, SP.



Ciclo

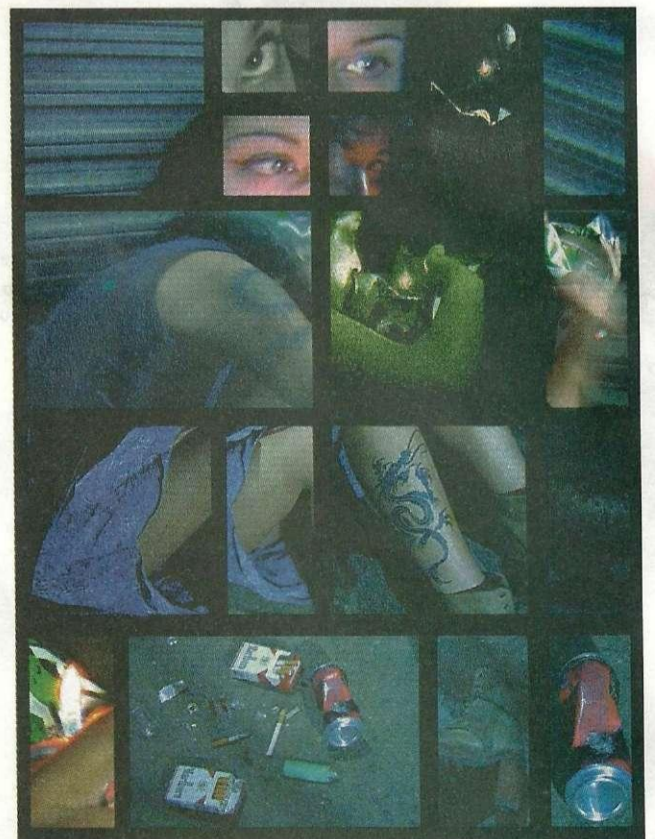
Acredito
No grão que se torna trigo
No trigo que se torna pão
No pão que alimenta o homem
No homem que alimenta o sonho
No sonho que alimenta a vida
Na vida que alimenta a terra
Na terra que alimenta o universo
No universo que compreende o grão

3ª colocada – de Elinée Rodrigues, usuária do Hospital-dia da Escola Paulista de Medicina – Unifesp, Mirandópolis, SP.

Estou Enlouquecida

estou enlouquecida
pelas ruas que se cruzam no abismo,
pelos joelhos fraturados do tempo,
pelas margens do rio sem peixes,
pela verde angústia das folhas
e pela lua que sai de teus dedos.
estou enlouquecida
pelo presente que chora numa garrafa fechada,
pelos tímpanos feridos do homem sem gravata,
pelos livros inúteis que querem ser estrelas,
pelo tédio que prega um quadro na parede
e pelo silêncio de tuas sardas.
estou enlouquecida
pela consciência que se agita como um pássaro sem asas,
pela estranha virtude das terras estéreis,
pelas quatro mãos da loucura que me apertam o tornozelo esquerdo
e pela veia intumescida da dor da espera.
estou enlouquecida
enlouqueço apertando entre os dedos
um fruto áspero como uma idéia,
um fruto marrom e desconfiado
como todos os frutos do medo
estou enlouquecida
(a tarde é tão mansa)
leões enjaulados palpitam em meus seios
meu rosto é cansaço sem enigma
meu amor é de barro e sem enfeites
meu sexo dorme no fundo de um copo
estou enlouquecida
reflito espelhos a cada instante
e tranco a razão, com chaves abstratas, dentro de um aquário
estou enlouquecida
muito
mastigo a vitória do silêncio em tuas ausências
e, em breve, tocarei apenas teus cílios
para poder morrer até amanhã

1ª colocada – de Maria Haydee Sorensen, membro da Associação Franco Basaglia, Itapeva, SP



2ª colocada – “Fragmentação”, de Carlos Henrique Montesini, usuário da Unidade em Farmacodependência de Sto. Amaro – PMSP, SP/SP.

3ª colocada – “A Descoberta”, de Marli Coelho Marques de Abreu, usuária do Ambulatório de Saúde Mental do Mandaqui, SP/SP.

1º concurso Palavras & imagens



1º colocado – “Sobreposições Sociais”, de Kleber Maia Marinho, SP/SP.

Epifania

Amanheceu em abril.
Estou cheia de boas intenções
e meu coração quer perdoar-me
de todo o mal:
arrumo a cama cantarolando,
compro flores
e fico gentil com o vizinho.
Abril me apazigua e redime:
Bebo café bem quente,
Ando descalça pela casa
E escrevo para minha tia.
A esperança volta
No jeito como acarício a nuca
Do homem que lê o jornal.
Há no ar,
Na luz do dia,
Uma delicadeza de primeira vez.
É abril
E a vida novamente possível.

1ª colocada – de Cláudia Paulini Maciel, de Belo Horizonte, MG.

“Há muitos anos, eu buscava novos caminhos na vida e um amigo artista plástico me propôs frequentar seu ateliê. Aceitei o convite e assim comecei a pintar. Hoje, a pintura faz parte da minha vida. Pintar é para mim dialogar com minha alma e com minha interioridade. Um ato de amor e de coragem.”

Rosanna Pavesi, 1º lugar na categoria artes plásticas do 1º Concurso Palavras & Imagens.



3ª colocada – “Liberdade I”, de Ursula Yglesias e Silva, Salvador, BA.

Sob o abat-jour

perdi a conta dos tic-tacs do relógio da sala
e a palavra não vem, não sai, não fala
tormento voraz que consome canetas e noites,
o álcool barato que mata e engorda
e a energia elétrica do abat-jour cafona
só quero a essência desse enredo
só quero o segredo dessa redoma
só quero a causa dessa vertigem
só quero a origem desse sintoma
perdi outra noite de tacs e tics
outros whiskies, quem sabe, não tomo
quem sabe liberto as amarras da mente
fico contente e morrendo de sono
o relógio desligo, o abat-jour abandono
bebo algo melhor e um charuto cubano
libero pra sempre a memória engasgada
elejo este fato a piada do ano
e saio cantando com alma lavada
só quero a estalido dessa dor muda
só quero da oculta imagem o sentido
só quero o alívio de alguns insights
e os tic-tacs desse tempo perdido
perdi a energia voraz, mas não ligo
bebendo prossigo e as horas não passam
os tics me espancam e os tacs me abraçam
o álcool é cafona e a palavra consome
o abat-jour é barata e a noite da sala
o relógio não fala e se não mata, engorda
a caneta e o whisky terminam
enquanto o tormento transborda
perdi meu nome, sobrenome e idade
não tenho saudade, identidade ou fome
só quero as linhas dessa verdade
das bocas, dos livros, dos atos do homem
só quero a palavra que pesa nos ombros
entre horas, goles, versos e tombos

2º colocado – de Conrado Ramos, SP/SP.



2ª colocada – “Meninos da Bahia”, de Dorothy Kahl, Curitiba, PR.

Manhã

A quem creditar
este tênue azul
infiltrado na praça
À gaze fina
Na sua missão de névoa
desabotoando (delicadamente)
a alma?

3ª colocada – de Elaine Armenio, São Paulo, SP.

Mobilização

Campanha contra redução da idade penal ganha as ruas

Dia 6 de outubro, durante a 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, o CRP SP lançou, contando com o apoio de mais 27 entidades, a **Campanha Contra a Redução da Idade Penal**, que vem ganhando cada vez mais adesões em vários setores da sociedade. A festa de lançamento mobilizou centenas de adolescentes e profissionais que trabalham com jovens num arrastão pelos estandes da Mostra, culminando com uma série de espetáculos de hip-hop e com uma tribuna livre onde todos puderam manifestar suas opiniões e onde também foi feita a leitura de um "Manifesto Contra a Redução da Idade Penal". A Campanha começa agora a ganhar as ruas das cidades de São Paulo, divulgada na Capital e no interior por meio de cartazes, *out-doors*, *back bus*, imprensa em geral etc.

O objetivo da Campanha é esclarecer a sociedade sobre diversos projetos de lei que tramitam no Congresso Nacional propondo a redução da idade em que os jovens passam a responder criminalmente por seus atos de 18 anos (como previsto hoje pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA) para 16 e até 14 anos. Os autores desses projetos acham que dessa forma estaríamos solucionando o problema da violência no país. O "Manifesto Contra a Redução da Idade Penal" deixa claro que o jovem não pode ser tomado como "bode expiatório" causador do grave quadro brasileiro de violência e que o ECA não propõe a impunidade, mas a responsabilização do adolescente por meio de medidas que respeitam sua condição de ser em desenvolvimento. A solução só virá com a implantação do ECA, que não tem sido respeitado como deveria ser. A seguir, leia algumas opiniões sobre a Campanha:

"Em vez de diminuir a maioridade penal, precisamos, todos juntos, garantir um trabalho socioeducativo e cultural digno e significativo para os jovens em situação de risco, envolvendo trabalhos culturais, lazer, esporte e cursos profissionalizantes com iniciação ao trabalho. É preciso ampliar o universo de informações para os jovens e suas famílias, nas diferentes classes sociais."

Maria Lino, diretora da entidade Turma da Touca.



"O mais interessante do evento de lançamento da Campanha Contra a Redução da Idade Penal foi o fato de os participantes serem tão diferentes. Psicólogos e jovens da periferia colocando sua opinião a respeito da questão. Foi importante perceber como outros jovens enxergam a questão. Principalmente os que vivem na periferia, pois seriam eles os mais prejudicados com uma decisão de rebaixamento da maioridade penal."

Livia Vieira de Almeida, aluna do 2º ano colegial do Colégio Equipe.



Apresentação do Grupo Morungaba, no Anhembi (no alto); painel de divulgação da Campanha em ônibus da Capital (acima).

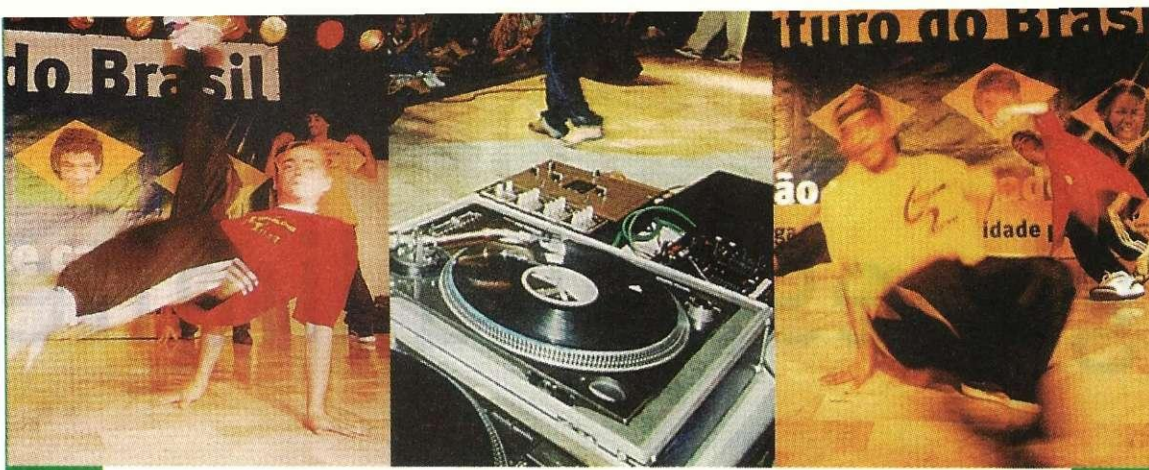


"Essa campanha é fundamental para o psicólogo, que de um modo geral fica fechado em seu consultório. Ela politiza a prática do psicólogo. No momento em que parte do próprio Conselho de Psicologia uma campanha voltada para essa questão, isso faz com que os profissionais de Psicologia efetivamente se voltem para as questões sociais brasileiras. Além de se tratar de uma problemática importantíssima para a sobrevivência das crianças e dos adolescentes pobres, que estão sendo exterminados neste país."

Cecília Coimbra, presidenta da Comissão Nacional dos Direitos Humanos do CFP e do Grupo "Tortura Nunca Mais" do RJ.

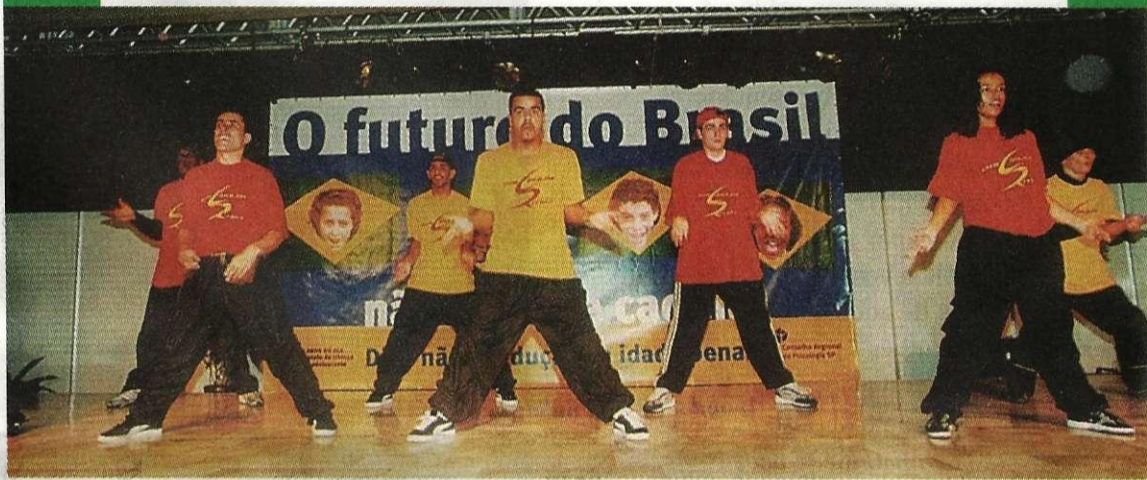


Manifestante ocupa a "Tribuna Livre" (acima). Arrastão durante o lançamento da Campanha (à dir.).



“Todo mundo concorda que a Febem não regenera ninguém. Então, será que a cadeia regenera? Um local em que homens de 40 anos de idade não sobrevivem ou, no mínimo, saem bem piores do que entraram. Imaginem colocar em um lugar assim meninos de 16 anos. Achei o lançamento dessa campanha muito importante; ela deve ser bem difundida nacionalmente. Havia gente de todo o Brasil lá no Anhembi, e o que me chamou a atenção foi que os jovens tiveram espaço para falar o que pensavam a respeito desse assunto na tribuna livre. Não é em todo lugar que dão voz ao jovem e o escutam. Outra coisa que gostei foi ver o pessoal do hip-hop, movimento do qual faço parte, envolvido em coisa desse tamanho. Isso prova que o hip-hop não é um movimento que só critica e não faz nada, como as pessoas costumam dizer. Na verdade tem propósito e também atitude. Já falei demais. Fui...”

MC Renato de Souza, jovem voluntário da Jdup, Juventude de Diadema Unida pela Paz, e integrante do grupo de rap Trovadores.



Apresentação do grupo “Discípulos do Ritmo”.

FAMILIAE

Curso de Formação em Terapia Familiar Sistêmica

Seleção 08|12|2000 e 02|02|2001 **Número máximo** 30 alunos

Inscrições e informações Telefax (11) 3037-7652 e 3813-5069

Início das aulas Março de 2001 **Preço** matrícula R\$ 110,00 | mensalidades R\$255,00



Sociedade Brasileira de Análise

Bioenergética – SOBAB

Fundada em 1981

Curso de Formação em Análise Bioenergética



Para psicólogos, profissionais da saúde e estudantes dessa área.

Workshops teórico-vivenciais, estudos teóricos e supervisão de casos clínicos. Teorias de Reich, Lowen e Winnicott dentre outros.

Inscrições abertas para turmas de 2001

Visite nossa homepage:
www.analisebioenergetica.com.br

Informações e inscrições

Rua João Moura, 458 sala 22
Jardim América
São Paulo, SP
Telefax (11) 3085-4060

Instituto de Psiquiatria e Psicoterapia da Infância e Adolescência – IPPIA S/C Ltda
Credenciado pelo Depto. de Psicoterapia da Associação Brasileira de Psiquiatria **Direção** Dra. Amélia Thereza de Moura Vasconcellos – Psiquiatra e Psicanalista
CURSO DE FORMAÇÃO E RECICLAGEM EM PSQUIATRIA E PSICOTERAPIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
Duração 2 anos, 10 hs/semana (terças e/ou sextas-feiras – manhã e/ou tarde). **Início** Fevereiro 2001 **Fundamentação teórica com referencial psicanalítico:** Integração Biopsicossocial da Personalidade, Psicopatologia Infanto-juvenil, Técnica Diagnóstica e Terapêutica, Estudo de Autores Básicos: Freud, M. Klein, Winnicott. **Seminários, Reuniões Clínicas, atendimentos, Ambulatório e Supervisões Clínicas.**
Informações e inscrições p/ entrevistas de seleção Al. Santos, 2.384 | sala 01 | Telefax (11) 3082-0180 .

Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP

Cursos de Especialização (360h), Aperfeiçoamento (240h) ou Extensão (120h)

Cursos teórico-práticos nas áreas de:

Psicologia Hospitalar em Especialidades Médicas, Psicanálise no Hospital, Neuropsicologia e Pesquisa na Área de Saúde.

Destinado a psicólogos e graduandos

Início 03|2001 **Inscrições até** 16|02|01

Informações Telefax (11) 3069-6459 ou

3069-6188 **E-mail** dipichc@hcnet.usp.br

Cursos de Especialização e Aperfeiçoamento para 2001



- A Adolescência na Contemporaneidade**
 - A Linguagem e a Constituição da Individualidade**
 - Acompanhamento Terapêutico**
 - Arte Terapia**
 - Atendimento em Orientação Familiar e Processos Psicoterapêuticos**
 - Cinesiologia Psicológica - Integração Físio-Psíquica**
- Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma**
 - Curso Básico de Arte Terapia em Contexto Social Institucional**
- Formação de Coordenadores de Grupos em uma Abordagem Psicodinâmica**
 - Formação em Psicanálise**
 - Formação em Psicopedagogia: Atendimento Clínico e Institucional**
 - Formação em Psicoterapia Psicodinâmica de Adulto**
 - Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica**
 - Gerontologia Social**
 - Gestalt Terapia**
- Intervenção Institucional Psicodinâmica**
 - Orientação Vocacional**
 - Psicanálise**
 - Psicanálise da Criança**
 - Psicanálise no Hospital Geral**
 - Psicodrama**
- Psicologia Jurídica: Psicologia, Justiça e Cidadania, Proposta de uma Práxis**
- Psicologia Social das Organizações**
 - Psico-oncologia**
 - Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea**
 - Psicossomática**
 - Psicoterapia Breve**
- Psicoterapia de Casal de Base Psicanalítica**
 - Psicoterapia de Orientação Junguiana Coligada a Técnicas Corporais**
 - Psicoterapia Psicodinâmica da Pré-Adolescência e Adolescência**
- Violência Doméstica: Psicoterapia e Profilaxia numa Perspectiva de Atendimento Interdisciplinar**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

A partir de novembro de 2000
Rua Ministro Godoy, 1484
Perdizes, São Paulo/SP
Tel: 3873-2314 Ramais 32 e 33
<http://www.sedes.org.br>
E-mail: sedes@sedes.org.br

Tecnologia estreita limites e

O exibicionismo e o *voyeurismo* estão em alta: é cada vez mais fácil desfrutar os “quinze minutos de fama” profetizados pelo artista plástico norte-americano Andy Warhol nos anos 70. Emissoras de televisão exibem em horário nobre, com grandes índices de audiência, programas que exploram o cotidiano de pessoas comuns – a exemplo de “No Limite” e “Sufoco”, da Globo. Pela Internet, *sites* desvelam a intimidade de seus donos – da trivial à mais picante –, fazendo com que o *voyeurismo* de binóculo do personagem de *Janela Indiscreta*, de Alfred Hitchcock, pareça definitivamente anacrônico. Ficam cada vez mais tênues os limites entre o que é privado e o que pode ser tornado público. “As pessoas não estão apenas mostrando a sua intimidade em público. Essa afirmação pressupõe que exista a privacidade. Mas podemos dialogar no sentido oposto, ou seja, de que a mídia está chegando a uma forma na qual não existe mais a privacidade. Passamos a viver os papéis que são veiculados por essa mídia”, sugere Maria José Tonelli, doutora em Psicologia Social pela PUC-SP e profa. de Psicologia Organizacional e do Trabalho da FGV.



Divulgação/Globo

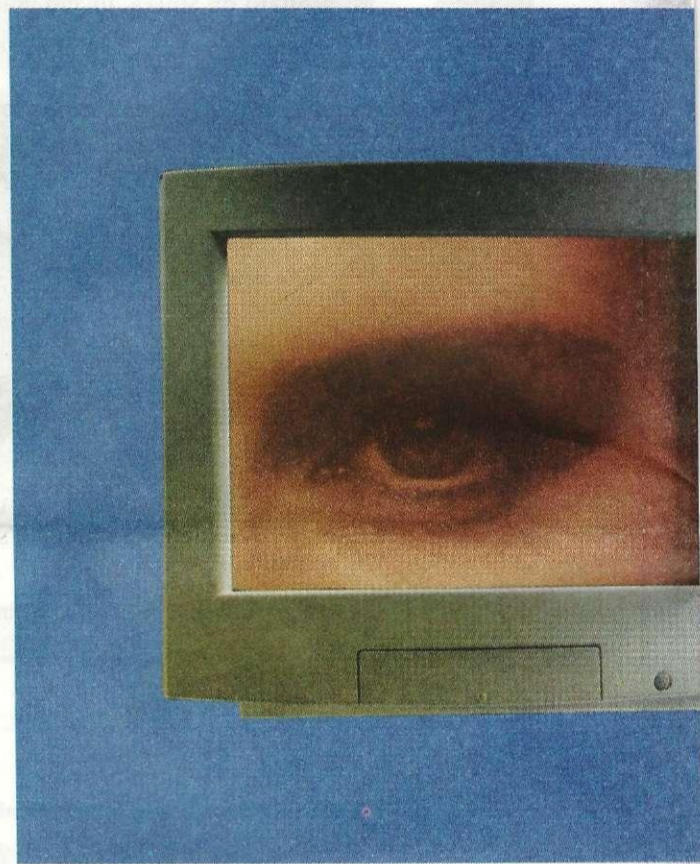
Participantes de “No Limite”: pessoas reais expostas ao apetite do público.

Programas que exploram o privado pela televisão já são uma banalidade. Além do badalado “No Limite”, da Globo, temos as séries da MTV voltadas para o público adolescente “20 e Poucos Anos” e “Na Real”. Programas como os dos apresentadores Ratinho, SBT, e em menor escala Sílvia Popovick, Bandeirantes, são pioneiros no filão. E o fenômeno não é nacional. Na verdade, a idéia de expor pessoas reais ao “apetite” do público vem de fora, importada de sucessos de audiência estrangeiros como “Big Brother”, da TV alemã, e “Survivor”, da CBS norte-americana (leia na pág. 16).

No início de 2000, o CRP SP (dentre outras entidades profissionais) foi procurado por uma conhecida empresa de eventos interessada em realizar parcerias para a produção de um programa nessa linha, chamado “Casa da Internet”. “A proposta é reunir vinte famílias de características heterogêneas para viver em uma casa de vidro durante um ano, tendo seu cotidiano apresentado ao público através de uma estrutura aberta para visitação, com transmissão 24 horas por dia pela Internet e veiculação periódica por um canal de TV”, relata Alexandre Nicolau Luccas, tesoureiro do CRP SP, que participou dos contatos para avaliação da proposta. A privacidade seria mantida nos quartos de dormir e banheiros e prêmios seriam oferecidos aos participantes.

A idéia que norteou esse programa, ainda em andamento (como outros levado a cabo nos EUA), é provar que é possível trabalhar, estudar e efetuar compromissos de rotina sem ser preciso sair de casa, utilizando a Internet. Ao CRP SP foi proposta a função de consultor na seleção das famílias. “Mas o Conselho se posicionou contrariamente à parceria, depois de decisão tomada em Plenário, por considerar que a proposta fere os princípios éticos da Psicologia”, explica Alexandre. Esse é apenas mais um exemplo da crescente exploração do privado pela mídia brasileira, que vem sendo alimentada por índices de audiência extraordinários. “No Limite”, por exemplo, ultrapassou as médias históricas da Globo com novelas das 20h00, atingindo um Ibope médio de 45 pontos.

“No século XIX, havia uma separação



bem clara entre o privado e o público. Em público, vestia-se um papel social. Importava quem você era e como você se apresentava, mas não interessava o que se fazia na vida privada. O *voyeurismo* era uma perversão, pois rompia esse limite. Atualmente, essa barreira foi ultrapassada. O *voyeurismo* perdeu a conotação de imoralidade e pode aparecer de uma forma não reprimida. Aquilo que era muito reservado assume o espaço público”, afirma Mônica Carvalho, socióloga e professora da PUC-SP.

Pela Internet, proliferam os *sites* em que pessoas exibem sua intimidade para curiosos do mundo todo. De fato, é no mundo virtual que esse tipo de consumo se realiza com maior eficácia devido à facilidade com que os dados são transmitidos. “A informação penetra cada vez mais no espaço privado. A porta, que é uma barreira simbólica, deixa de existir quando se trata de conhecimento. A sofisticação das tecnologias de comunicação faz com que os informes fluam nos dois sentidos. É muito interessante perceber que os movimentos sociais mais fortes estão todos conec-

Entre o público e o privado



mundo com lama até o pescoço, esforçando-se para respirar. E alguma coisa nos traz a ilusão de saímos desse lamaçal: são os quinze minutos de fama que nos destacam da grande massa de pessoas que apenas consome. Hoje, um meio poderoso de se conquistar ascensão na sociedade é estar em evidência. Mas, dessa forma, as pessoas deixam de ser sujeitos para ser objetos”, analisa Alexandre Luccas, do CRP SP. Para Maria José Tonelli, além da busca de projeção, as pessoas necessitam dessa exposição “para ter uma noção de verdade” sobre si mesmas. “Como temos dificuldade de nos dar conta de que estamos vivos, ao se verem filmadas, as pessoas têm a impressão de sua real existência”, conclui.

Na outra ponta desse processo está o público que garante audiência a esses programas e sites. Mary Jane Spink explica essa curiosidade pelo outro. “A sociedade moderna vive, dentre outras coisas, um processo de individualização que é basicamente de construção de biografias; há um século, você nascia em uma família e tinha uma biografia que lhe era dada pela sua inserção de classe e de gênero. Atualmente, as pessoas têm maior flexibilidade para construir a própria biografia. Para construí-la, é essencial que se tenha os insumos necessários. Então, vê-se Ratinho, lê-se *Caras*, vai-se em busca de personagens variadas a partir das quais você pode encontrar os elementos para essa construção”, sugere.

tados”, comenta a psicóloga Mary Jane Spink, profa. do Depto. de Psicologia Social da PUC-SP. Exemplos de homepage no gênero não faltam (veja na pág. 16).

Para entender esse mercado, é preciso analisar seus três vértices principais: as personagens, a platéia virtual e o sistema que proporciona e instiga esse tipo de produção. O primeiro é formado pelas pessoas dispostas a se exibir e que constituem sua matéria-prima fundamental. “Estamos vivendo de um maneira tal que está todo

Entre a platéia e o indivíduo, estão os interesses que alimentam esse processo: “Para que o sistema possa se manter, é preciso que o espaço público esteja muito bem vigiado, evitando que as pessoas assumam papéis imprevistos. O curioso é que não existe nenhum tipo de freio no caso de as pessoas se exporem individualmente. Mas basta elas se reunirem coletivamente para acontecer uma repressão”, comenta Mônica Carvalho. O espaço público é tradicionalmente um lugar de construção social, de se fazer política. Porém, as pessoas encontram hoje poucas motivações comuns em torno das quais possam se mobilizar e exercitar sua condição de ser social. “Enquanto a mídia estimula esse debate em torno da vida privada das pessoas, não se discutem questões essenciais para a sociedade. Ocupa-se o vazio com os ‘fuxicos de corte’, o que explica a procura por uma revista como a *Caras*, e por esses programas de televisão”, define Mônica. ●



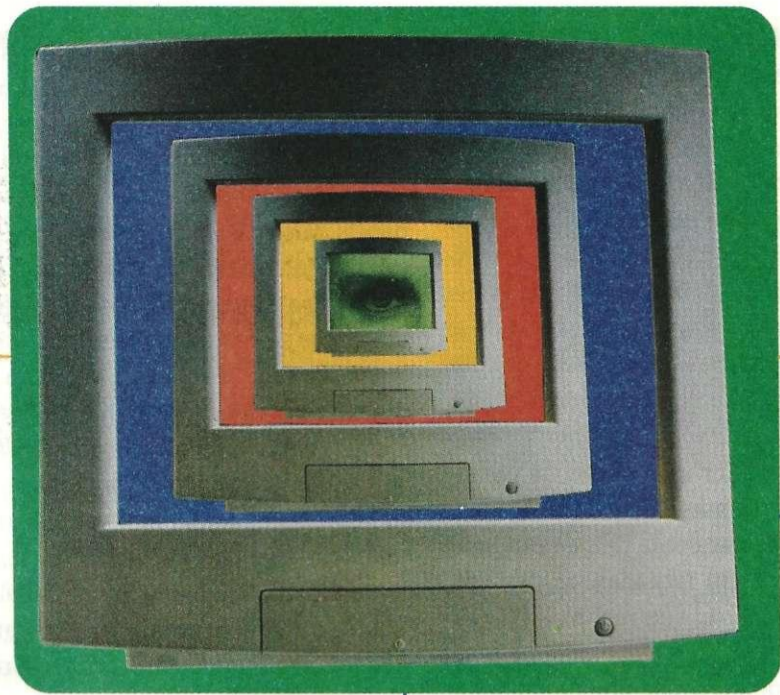
Divulgação/MTV



Integrantes de “20 e Poucos Anos”, da MTV, em três fases: programa voltado para o público adolescente.



Sorria, você pode estar sendo filmado



Não é apenas na indústria do entretenimento que o privado está sendo exposto de forma intensa. Câmeras de vigilância estão espalhadas por toda a parte, transmitindo os afazeres diários das pessoas comuns. Segundo a Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança, a Abese, pelo menos 25 mil imóveis estão equipados com circuitos internos de televisão. Além disso, uma pesquisa realizada pelo Programa de Admi-

nistração de Varejo, o Provar, vinculado à USP, mostra que 75% das grandes redes varejistas usam filmadoras para combater a criminalidade. O problema é que a grande maioria dos consumidores não tem a intenção de cometer crimes. “Atualmente, temos uma tecnologia que não havia antes. Podem-se colocar câmeras em todos os lugares. O porteiro de um prédio pode ser um *voyeur* de primeira linha”, comenta Mônica Carvalho, da PUC-SP.

Em recente entrevista à revista *Veja* (31/10/2000), o diretor de tecnologia da Prodam, Waldemar Bom Júnior, afirmou que todos os parques municipais teriam câmeras instaladas com transmissão das imagens pela Internet. A Companhia de Engenharia e Tráfego, CET, também colabora com essa vigilância constante que o cidadão tem sofrido. Os números da empresa são os seguintes: 120 câmeras em semáforos e 92 em túneis, que cobrem 136 quilômetros de vias públicas. Portanto, muito cuidado com qualquer atitude tomada em praças públicas e dentro de automóveis.

Esse avanço tecnológico, seja na produção de equipamentos de segurança poderosos, seja na modernização da mídia, está acentuando os perigos da perda de limites entre o que é privado e o que é público. “Pensemos um pouco sobre o que está acontecendo com as informações a respeito do DNA. Não existe nada mais privado que o espaço interno de nosso corpo, os nossos genes e cromossomos. Porém, uma gota de sangue permite um mapeamento completo dessas informações”, comenta Mary Jane Spink. No cinema, ela recorda, o filme americano *Gattaca* (sigla do DNA) explorou justamente a confusão que está acontecendo entre o espaço público e o espaço privado a partir do surgimento de novas tecnologias. ●

Sociedade

Caras × Ratinho, uma questão de classe



Revista *Caras*: exibição de privilégios.

Até na invasão da privacidade promovida pela mídia é possível observar com nitidez a desigualdade social brasileira. A exibição da vida privada dos ricos acontece, por exemplo, por meio de colunas sociais e veículos de comunicação como a revista *Caras*, com a exibição ostensiva dos privilégios que desfrutam, sejam mansões, carrões, festas, sejam viagens paradisíacas. Aos pobres, resta o bate-boca rasteiro no gênero “Programa do Ratinho”, que exhibe casos de

traição, estupro, incesto, abandono do lar etc. levando quase sempre à ridicularização e à humilhação dos participantes. “O Ratinho é um caso interessante, pois também é visto pelas classes médias e altas. Faz-me lembrar o modo de vida dos romanos, quando jogavam as pessoas aos leões para serem devoradas em público. As pessoas vêem o sofrimento dos outros e sentem prazer com isso”, avalia a psicóloga Maria José Tonelli, da FGV/PUC-SP.

A exposição dos ricos está sempre vinculada ao poder de consumo que conquistaram. “Em *Caras*, as pessoas têm necessidade de ser reconhecidas não pelo seu papel social, mas por serem bem-sucedidas. É a ponta da competição: os que venceram estão na Ilha de *Caras*”, afirma Mônica Carvalho. Não há lugar para sofrimentos nesse tipo de exploração do privado. Portanto, mesmo quando as reportagens envolvem problemas enfrentados pelas personagens, apontam sempre em direção a uma franca recuperação.

Em contrapartida, o prato principal da exploração da privacidade dos pobres são as mazelas da vida. Desavenças e agruras vividas por pessoas das classes menos fa-

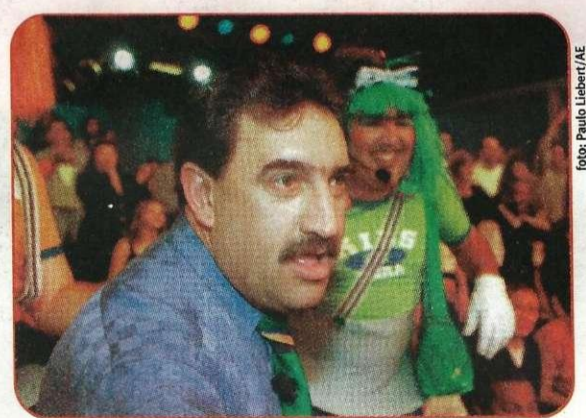


foto: Paulo Liebert/AE

Programa do Ratinho: bate-boca no ar.

vorecidas na pirâmide social brasileira podem ser apreciadas pela TV também em programas como “Linha Direta” (Globo) e “Cadeia Nacional” (CNT). Nesses casos, as reportagens vêm permeadas pela violência e a idéia de que a justiça pode ser feita através da TV. “Na outra ponta, está a exposição da carência, que são as pessoas que vão ao Ratinho; um caso atendido passa a sensação de que o problema social está resolvido”, alerta Mônica Carvalho. Nem redução da violência, nem solução da miséria; tudo o que esses programas conseguem é aumentar as audiências e os faturamentos das redes de TV. ●

No ar, a invasão da vida privada

Cada vez mais as redes de TV buscam audiência em programas que exploram a privacidade, seja de famosos ou anônimos, seja de ricos ou miseráveis. Esse tipo de atração ocupa boa parte das programações. As “pegadinhas”, presentes em todos os canais abertos de televisão (com exceção das emissoras educativas) copiam um modelo exibido há quase 50 anos na TV dos EUA, o “Candid Câmera”. As fofocas, por sua vez – a despeito de não serem lá muito éticas –, devem ser tão antigas quanto a própria humanidade e sempre estiveram presentes na imprensa, particularmente na britânica, com seus famosos tablóides sensacionalistas. “Vivemos em um mundo em que o convívio social é impossível e o cotidiano se torna insuportável; tanto que a doença da moda é o estresse. A maneira que muitos encontram de se defender disso é o recolhimento, por exemplo, no ambiente confortável das salas de nossas casas, com a televisão ligada, vendo e gozando com o sofrimento dos outros sem perceber o próprio sofrimento”, afirma Alexandre Luccas, conselheiro do CRP SP.

Um caso recente que exemplifica a falta de limites éticos desse tipo de abordagem ocorreu com o cantor Rafael Ilha, um caso público de drogadicção. No dia 5 de agosto, o programa “Festa do Mallandro”, de Sérgio Mallandro (TV Gazeta) apresentou uma “pegadinha” em que um suposto

traficante oferecia drogas ao cantor, que luta para se livrar do vício. “Parece que de fato o sentimento não é vivo, ou seja, que é um sofrimento que se coloca em imagens. O quanto isso é real ou apenas uma imagem construída não tem a menor importância. O que importa é a carga do sensacionalismo. Ninguém está preocupado se o Rafael está sofrendo”, avalia Maria José Tonelli, da FGV/PUC-SP.

Em termos legais, a coibição desse tipo de exposição na TV é um assunto delicado. A Constituição regula que o controle da programação cabe ao Ministério da Justiça, mas o ministro que ocupa a pasta, José Gregori, argumenta que é necessário cautela com a questão. “Nenhum governo democrático defende a censura. O controle possível do que as emissoras de televisão transmitem se limita à indicação do horário apropriado para a exibição de cada programa. O Ministério Público tem o poder até de tirar um programa do ar, baseado no Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA, se considerar que determinada atração pode prejudicar a formação de uma criança ou de um jovem”, ele argumenta. Gregori conta também que, diariamente, chegam a seu Ministério manifestações de pessoas que cobram ações enérgicas contra as emissoras de televisão, obrigando-as a melhorar a programação. Em contrapartida, chegam também críticas a qualquer interferência do governo



foto: Sérgio Lima/Folha Imagem

O ministro da Justiça José Gregori: “controlar qualidade é negar audiência”.

que possa representar uma censura. “O melhor controle de qualidade que pode haver para a televisão é o telespectador negar audiência aos programas que apelam para a violência e ao sexo gratuito”, sugere o ministro.

Nossa Constituição prevê, em seu primeiro capítulo “Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos”, Artigo 5º, inciso X, que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. Porém, apesar de a lei máxima proteger a exposição da vida privada, a questão legal pode ser resolvida por meio de um contrato particular. “A discussão sobre até onde um programa de televisão pode ir é uma polêmica. Eu acredito que as emissoras sérias de fato só expõem quem participa de uma “pegadinha” mediante autorização. Caso contrário, cabe um processo judicial contra a emissora”, afirma Gregori. ●

Cena do programa “No Limite”, da Globo.

Divulgação/Globo



“Estamos adentrando para uma sociedade de risco e temos alguns processos principais ocorrendo, como a globalização, a individualização e a destradicionalização. Essa última implica uma ruptura com as noções de classe e de famílias. O autor francês David Lê Breton coloca a busca da aventura e do risco como parte desse processo de destradicionalização; uma busca de sentido da vida na emoção. “No Limite” e “Survivor” estão dentro do conceito dos *ralies* humanos.”

Mary Jane Spink, professora da PUC-SP.

Guia sobre invasão da vida privada

Relacionamos abaixo os principais programas de TV, sites e filmes que remetem à questão do público e do privado. Confira!

Televisão

Programa do Ratinho - Programa diário de variedades (início por volta de 20h30 que leva ao público, dentre outras coisas, brigas de vizinho, exames de DNA para confirmação de paternidade etc. Em outubro, chocou o público ao mostrar cenas de tortura de uma criança de três anos.

Na Real - Produzido pela MTV americana e transmitido de 2ª a 6ª, às 20h00 pela MTV Brasil. Jovens de diversas "tribos" urbanas vivem durante dois meses em uma mesma casa. Os conflitos, as situações e as emoções são transmitidos ao público. Estreou em 1992 em NY e já passou por Boston, Chicago, Londres e Miami.

20 e Poucos Anos - Da MTV Brasil, com capítulos semanais as 4ªs-feiras, 23h00. Reúne jovens de características culturais e sociais diversas em sua rotina diária e em encontros com o grupo.

Big Brother - Produzido pela TV Alemã. Dez participantes vivem em isolamento completo num estúdio de 153m², monitorados por 28 câmeras e 59 microfones, nos arredores da cidade de Colônia. Recebem uma mesada, que pode ser trocada por produtos básicos para sobrevivência, e têm "regalias" como 1,5 minuto diário de chuva. As condições são tão difíceis que o Instituto Estadual de Mídia de Hessen pediu a proibição do programa. A audiência chega a 3,3 milhões de espectadores. O site (www.big-brother-haus.de) é um dos mais visitados na Alemanha, chegando a ter 5 milhões de acesso em apenas três dias. Uma versão brasileira do programa está sendo anunciada pela rede SBT.

Survivor - 16 pessoas, com idades entre 22 e 72 anos, foram colocadas na ilha deserta de Pulau Tiga, na Malásia, para tentar sobreviver a 39 dias de desafios e agruras e embolsar o prêmio de US\$ 1 milhão. Essa é a fórmula do programa "Survivor", da CBS norte-americana, que mobilizou cerca de 23 milhões de americanos a cada episódio.

No Limite - Versão brasileira do "Survivor", exibiu nas noites de domingo (pela rede Globo) as desventuras dos dez concorrentes na briga pela sobrevivência em uma praia isolada do Ceará. Segundo o Ibope, cerca de 28 milhões de brasileiros acompanharam os episódios.

Sufoco - Cópia o "Big Brother" alemão: competição entre seis pessoas (três homens e três mulheres), com idades entre 21 e 40 anos, fechadas por quatro dias em uma casa e acompanhadas permanentemente pelas câmeras de TV. O vencedor é votado pelo público, ao vivo; as provas dão prêmios em dinheiro. Estreou dia 03/12, no "Domingão do Faustão", pela Globo.



Divulgação/ Globo



Cenas de competição do programa "No Limite".

Sites na Internet

www.cameranight.com.br - A movimentação dentro de várias danceterias. Reclamações de clientes fizeram com que o site começasse a distorcer os rostos dos frequentadores da casa Absolut.

www.noiteavivo.com.br - Barzinhos e danceterias da cidade mantêm câmeras nesse site, entre eles Kintamani, Dado Bier, Democrata.

www.cyberchik.com/mainframe.html - Angylina é uma iraniana que mora em Seattle (EUA). Sua webcam tem atualizações a cada minuto e é gratuita. O site tem sala de bate-papo e informa a tabela de horários em que Angylina estará on-line.

www.kokett.de/gcam.htm - Andrea é uma alemã de 25 anos que não cobra nada para se mostrar na rede. A exigência é apenas preencher um pequeno formulário para garantir sua senha. A partir daí, passa-se a receber via e-mail os horários em que ela estará ao vivo na frente da webcam.

www.bethere.com.br - Disponibiliza um sistema de busca de vários tipos de webcam, entre eles, food cam (restaurantes, bares etc.) e fun cam (parques).

www.lucianowebcam.com - "Aqui você vai me ver trabalhando no computador, me divertindo ou fazendo outras coisas..." é assim que Luciano Medeiros Bernacchi, carioca de 23 anos, recebe os visitantes de seu site. Suas imagens são atualizadas a cada 50 segundos quando ele está on-line. Os visitantes já superaram a 35 mil pessoas; num único sábado foram 500 acessos.



Imagem do Café Paradiso, site Camerainight (no alto); câmera de segurança da Siciliano, Shopping Pátio Higienópolis (acima, à dir.); imagem tirada do site da iraniana Angylina (acima).

Cinema

O Fim da Violência (EUA - 1997), de Wim Wenders. Com Bill Pullman e Andie Macdowell. Um cientista mantém uma central de câmeras que capta vários locais da cidade e acaba gravando um assassinato.

The Truman Show (EUA - 1998), de Peter Weir. Com Jim Carrey e Ed Harris. Vendedor de seguros tem sua vida transformada quando descobre que é filmado desde seu nascimento para um programa de televisão. Sua vida é transmitida ao vivo 24 horas por dia para todo o mundo.

Janela Indiscreta (EUA - 1954), de Alfred Hitchcock. Com James Stewart e Grace Kelly. Fotógrafo imobilizado por um acidente descobre um novo interesse em ficar observando a vida dos vizinhos com sua teleobjetiva, até que testemunha um assassinato.

Gattaca (EUA - 1997) de Andrew Niccol. Com Uma Thurman e Ethan Hawke. Num futuro no qual as pessoas são criadas geneticamente em laboratórios, a identidade de cada um passa a ser seu DNA. Um simples fio de cabelo deixado em um local pode denunciar a presença de uma pessoa.

Kika (Espanha/França - 1993), de Pedro Almodovar. Com Victoria Abril e Peter Coyote. Maquiadora de TV tem um marido voyeur que não lhe satisfaz; juntam-se à trama um amante assassino, padrasto de seu marido, uma amiga traidora e uma empregada louca, numa série bizarra de encontros e desencontros.



Divulgação



Cenas dos filmes Gattaca (no alto e acima) e The Truman Show (à esq.)

O desenvolvimento humano colocado em seu devido contexto



A psicóloga Clotilde Rossetti Ferreira, São Paulo, SP, 2000.

Formada em Filosofia pela PUC-SP (1958), depois em Psicologia Clínica pelo Sedes Sapientiae (1962), e com doutorado pela Universidade de Londres (1967), Maria Clotilde Rossetti Ferreira define-se como “uma professora universitária”, função que exerce desde 1962, inicialmente na Faculdade de Medicina, depois na de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto, SP. Mais que uma mestra, no entanto, Clotilde tem sido uma pesquisadora preocupada em estabelecer novos parâmetros na área do desenvolvimento e da educação infantil. Desde 1990, coordena o Centro de Investigações Sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil – Cindedi –, da USP de Ribeirão Preto, reconhecido nacional e internacionalmente. Clotilde foi entrevistada pelos psicólogos Odette de Godoy Pinheiro, Odair Furtado, ambos conselheiros do CRP SP, Ana Almeida Carvalho, professora do Instituto de Psicologia da USP e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, professora da Fac. de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto.

Odette Pinheiro - *Fomos contemporâneas nos bancos da PUC-SP, você fazendo Filosofia e eu, Pedagogia. Como é que você passou para a Psicologia?*

Clotilde Rossetti - É importante colocar que naquela época não havia Psicologia. Nós terminamos em 1958 e a Psicologia começou a existir na década de 60. Eu na verdade gostava muito de matemática. Mas queria trabalhar mais diretamente com coisas humanas e pensei em fazer Psicologia. Como não havia, resolvi fazer Filosofia na Maria Antônia. Mas meu pai, que era italiano e católico convicto, não deixou. Ele falou: “Fazer matemática na Maria Antônia pode. Agora, filosofia não, porque você vai perder a fé”. Não adiantou nada... (risos) Então, eu tive de ir para a Católica que, além de aristotélica-tomista, era mais fraca... Já no quarto ano, comecei a dar aula no ensino médio do Colégio Sion e resolvi fazer Psicologia. Entrei primeiro na Psicologia da Católica. Depois, como já planejava me casar e mudar para Ribeirão Preto, resolvi passar para o Sedes Sapientiae, onde me permitiam entrar na prática mais depressa. Fiz Psicologia Clínica, três anos. Em 1961, casei-me com o Sérgio Ferreira e me mudei para Ribeirão, onde fui dar aulas na Faculdade de Medicina.

Odette - *Eles já tinham um espaço para a Psicologia dentro da Medicina?*

Clotilde - Sim, tinham um contato com a Psicanálise muito interessante. Tinha trazido um psiquiatra chileno, Hernan Davanzo, para coordenar a Psicologia e a Psiquiatria do curso de Medicina, coisa que não existia em outras faculdades. Comecei trabalhando com Introdução à Psicologia e Psicologia do Desenvolvimento. Havia poucos psicólogos no ano de 1964, quando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto foi fundada... Eu era a única na cidade e tive de assumir a cadeira de Ética, porque para ela era exigido um psicólogo. Os professores do curso de Psicologia eram sobretudo belgas ou, então, tinham formação, como Luís de Oliveira, em pedagogia. Então, eu era da Faculdade de Medicina, mas dava Ética na Faculdade de Filosofia. E quando eu dava aulas para os estudantes de Medicina, era como se falasse de um outro planeta. Eles tinham fisiologia, anatomia, coisas assim. De repente, Psicologia e Psicanálise pareciam literatura... Era uma época em que o Fred Keller tinha influência grande. Por volta de 1967, convidei o Isaias Pessotti e o Luís de Oliveira para darem aulas na Medicina. Eram *behavioristas* na época e

achei que aquela visão teria maior possibilidade de vínculo com as outras disciplinas que os alunos tinham. Mas fiquei também dando Desenvolvimento, que oferecia uma visão diferente...

Odair Furtado - *Sua ida para Londres nos anos 60 teve motivação política?*

Clotilde - Fomos para a Inglaterra duas vezes: em 1965 e em 1970. Nas duas vezes por causa da situação política brasileira. Em 1964, um ano depois da criação da Faculdade de Filosofia, estourou “a gloriosa”. Foi um período muito difícil e nós fomos inquiridos, havia gente continuamente em frente de casa. Mas já estávamos mesmo com planos de ir para o exterior. O Sérgio tinha acabado o doutorado e a viagem foi realizada num momento oportuno. Retornamos ao Brasil em 1967, porque achávamos que iríamos sair daqueles anos de chumbo. Mas de repente veio o AI-5, em 1968, agravando a situação. Começamos a trabalhar, mas a coisa ficou insuportável. Nossos amigos no exterior ofereceram para o Sérgio um emprego e aí, em 1970, resolvemos ir embora. Embora fichados, não tivemos processos contra nós. Em Londres, havia uma rede de professores ingleses organizada para receber os exilados. Houve a queda do AI-

lende, e o pessoal brasileiro saído do Chile chegava à Inglaterra acabado, endoidado. Havia até um serviço de apoio, incluindo atendimento em saúde mental. Fui chamada para trabalhar com crianças, para arranjar escola, coisas assim. Voltamos em 1975 ao Brasil, porque nossos filhos já estavam adolescentes e eu estava em crise por criá-los como estrangeiros. E o país estava retomando o caminho da democracia.

Zilma de Oliveira - *Como é que você acabou trabalhando lá com o Blurton Jones?*

Clotilde - Quando fui a primeira vez, em 1965, um lugar que me atraiu foi o Tavistock Institute of Human Relations. Fui aceita e uma coisa interessante, típica do sistema inglês, é que quando você entra como *associate student* da Tavistock tinha um supervisor. Minha supervisora me disse: "Você tem um perfil acadêmico, deve aproveitar a chance aqui para fazer uma pós-graduação". Orientou-me a procurar o Jacques Tizard, grande figura na Psicologia do Desenvolvimento inglês. Fui conversar com ele, que me orientou a procurar o Brian Foss, que por sua vez me convidou a iniciar um *Master in Philosophy* - MPhil. Fiz a Tavistock e junto comecei o MPhil. Uma vez fiz apresentação de meu trabalho e disseram: "Vale um PhD". Como estava com dificuldade que me dessem mais um ano de liberação na USP em Ribeirão Preto, tentei passar para um PhD e me aceitaram. Daí fiz doutorado na Inglaterra. Uma loucura, porque tinha uma criança de três anos e uma de dois. Antes de ir, me descobri grávida de uma terceira. Tive o neném e fiz um doutorado na Inglaterra em dois anos, além do curso na Tavistock. Tanto meu orientador, o Brian Foss, como o examinador externo, John Newson, da Universidade de Nottingham, eram figuras importantes dentro da Psicologia do Desenvolvimento inglês. Nessa época, estava começando a haver um namoro entre o pessoal de etologia, que vinha mais da zoologia, do *animal behavior*

“Naquela época, estava começando a nascer um namoro entre o pessoal da etologia, que vinha mais da zoologia, do *animal behavior*, e o pessoal da Psicanálise. Inclusive, mais tarde eu até participei um pouco desse processo, com o Blurton Jones...”



Clotilde: "Não olhávamos o que ocorria no contexto"

(comportamento animal) e o pessoal de Psicanálise. Inclusive, mais tarde eu até participei um pouco desse processo, com o Blurton Jones, com quem trabalhei por cinco anos, mas na segunda vez em que fui para Londres, em 1970. Essa segunda ida para mim foi um transplante violento. O Sérgio veio com emprego, mas eu desempregada, apesar de ter um doutorado inglês. Participei de vários grupos, de seminários com o Michael Rutter sobre observação de interação mãe-criança, mas sem nenhum vínculo. Vivíamos em um aperto desgraçado. Foi então que consegui trabalhar com o Blurton Jones, justamente sobre desenvolvimento do comportamento social e do apego da criança de um a três anos, acompanhando 60 famílias com seu primeiro filho. Meu livro *Mãe-Criança, Separação, Reencontro* resultou desse trabalho, publicado em 1986, pela Edicom.

Ana Carvalho - *Quando você retornou, por aqui, era pouco acadêmico trabalhar com creche. Isso estava mais na área da filantropia...*

Clotilde - Antes de ir para a Inglaterra, meu perfil era mais voltado para a clínica. Trabalhava com clínica de crianças, pais e família. Mas via que, para cada criança que atendia, havia montes de outras que tinham condição de desenvolver a mesma problemática. Voltei em 1976 decidida a tentar fazer alguma coisa e comecei com um trabalho sobre desnutrição. Depois,

pensei em trabalhar com orfanatos, mas qual não foi minha boa surpresa ao saber que em Ribeirão Preto não havia um orfanato. Aí comecei a trabalhar com crianças em instituições, mais especificamente com creches. Na época, em Ribeirão Preto, havia duas do município, mas com características assistencialistas. Ribeirão Preto é muito marcada por uma visão filantrópica. Uma vez ouvi uma senhora num grupo de filantropas dizendo assim: "O que seria dos pobres se não fôssemos nós, os ricos". Frase literal. E as creches da região atendiam a uma população pobre, inclusive de bóias-frias. Começamos uma intervenção pondo estagiários de Psicologia para trabalhar nas creches e começamos um estudo de caracterização do atendimento e das condições de desenvolvimento que ofereciam. Inicialmente, entrei com a idéia de que deveria haver um cuidado materno substitutivo nas creches. Só mais tarde entendi o absurdo que estava propondo. As condições nas creches eram precárias, terríveis, as crianças passando o dia dentro de berços, muitas crianças para um só adulto cuidar etc. Com uma verba do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP -, ligado ao Ministério da Educação, realizamos pesquisas, incluindo um filme em super-oito que serviria para denunciar essas condições nas creches que chamamos "A Arte de Varrer para Debaixo do Tapete". Estávamos filmando um berçário de 12 bebês, e a pajem (naquela época a gente chamava de pajem, não de educadora) precisava ser filmada entregando a criança para a mãe, uma bóia-fria. Entre 4 e 5 horas da tarde as bóias-frias vinham pegar as crianças. Eu deixei uma pajem ir e fiquei ajudando a outra a atender as crianças, fazendo o mesmo que orientava às estagiárias a fazer: agir como a mãe age em casa. Enquanto troquei duas crianças, a outra educadora trocou dez. E as mães estavam vindo pegar as crianças e sair correndo, porque os outros filhos

maria clotilde rossetti

estavam em casa e elas tinham de preparar o jantar. Vi que o que estávamos propondo era absolutamente impossível, porque o contexto era outro. Naquele momento caiu a ficha. Além disso, nossas pesquisas registravam apenas a interação adulto-criança; sobre criança-criança não registrávamos nada, quando na realidade o parceiro mais disponível para interação é a outra criança. Então, o paradigma que estávamos usando, o recorte, estava levando a uma visão completamente enviesada. Nós não estávamos olhando o que ocorria naquele contexto muito diferente do ambiente de uma família.

Ana - *O que é o Cindedi?*

Clotilde - O Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil - Cindedi - começou a surgir em 1976 na USP de Ribeirão Preto, quando voltamos de Londres, mas assumiu esse nome oficialmente em 1990. É formado por uma equipe interdisciplinar com profissionais da Psicologia, Pedagogia, Biomedicina e Medicina. Além das pesquisas, temos um grande trabalho de ensino e extensão, por meio de disciplinas de formação de psicólogos para trabalharem em creche, bem como de assessoria a instituições e redes de atendimento infantil. Uma vez que a proposta do Cindi não se desvincula da prática, fazem ainda parte do grupo alguns educadores e técnicos da Creche Carochinha-COSEAS-USP, que conosco produzem um acervo de material científico-didático, composto por folhetos, jornais, livros e vídeos. O Cindi, está em um livro da Unesco, que me convidou em julho para dar um *state of arts* em Estocolmo sobre a promoção da educação infantil nos países em desenvolvimento.

Odair - *Como se dá sua relação com os vários campi de universidades brasileiras?*

Clotilde - Coordenei por um bom tempo um tipo de intercâmbio pelo qual pessoas de universidades brasileiras se relacionavam. A Fluminense, do Rio de Janeiro, por meio da Vera Vasconcelos; a Federal de Pernambuco, por meio da Maria Conceição Lira; o Instituto de Psicologia da USP, por meio da Ana Almeida; em Brasília, a Angela Branco; em Campinas, a Ana Luíza Smolka; a Carmem Craidy, do Rio Grande do Sul, que é pedagoga; a equipe de creche da Fundação Carlos Chagas; o Eduardo Calil de Oliveira, em Maceió, e outros. Mais recentemente, a Mary Jane Spink, da PUC-SP, e o Peter Spink, da FGV. Realizamos encontro atrás de encontro sobre Desenvolvimento Humano e formas de estudá-lo, e saem artigos publicados. Por trás dessa aproximação entre nós está um estrangeiro, o Jaan Valsiner, que migrou em 1980 para a Alemanha, depois para os EUA, onde está atualmente, na Clark University. Uma vez ele viu uma apresentação minha e da Zilma em congresso internacional e, em seguida, nos mandou uma carta muito amável convidando-nos para um diálogo. Na época, estava em North Carolina, na University of Chappel Hill. Nós o trouxemos para o Brasil e começamos um contato que acabou se estendendo. Acho que o Valsiner tem promovido não apenas nosso trabalho, mas de todos os brasileiros nessa área. Há uma série de livros editados por ele com editoras brasileiras e ele diz que nós temos algo de novo para dar; trouxe-nos confiança. Em 1993,

ele e a Maria Conceição Lira organizaram um encontro após um grande congresso da ISSBD, em Recife, para umas 40 pessoas, sendo metade estrangeiros.

Ana - *Esse encontro com Valsiner implicou uma aproximação com as teorias de Lev Vygotsky?*

Clotilde - Sem dúvida. Antes dele, quem trouxe a leitura do Vygotsky para o grupo foi a Zilma. O Valsiner trouxe a visão crítica dele. Nesse congresso de Recife, os estrangeiros perguntavam: "Por que os brasileiros gostam tanto de uma visão dialética, sócio-histórica. Será por causa da influência do Jaan Valsiner?". Acho que não. Numa sociedade em contradição contínua como a nossa, em que os 20% mais ricos têm um nível de vida semelhante ao da Suécia e os 20% mais pobres têm o mesmo padrão de Serra Leoa, o mais baixo índice de desenvolvimento humano do mundo, temos mesmo de continuamente dar conta das contradições, lançando mão de teorias nas quais a contradição seja fundante, como na dialética. Quando você pensa assim, um Jean Piaget não dá respostas suficientes. Vygotsky viveu na época da revolução russa, com todas as contradições possíveis, que estão refletidas em sua teoria. Vivemos nessa realidade suja, confusa, que ao mesmo tempo gera coisas inovado-



“Tenho também uma atividade muito grande em termos de participação em sociedades internacionais. (...) Mas discuto muito nossa participação nessas entidades, observando como as relações de poder, o colonialismo internacional, se refletem ali.”

ras. Nos últimos oito anos, somos sustentados no Cindedi por um projeto temático financiado pela Fapesp. É uma proposta pretensiosa: desenvolver uma perspectiva nova teórica e metodológica que possibilite o estudo de desenvolvimento humano, levando em conta desde fatores macro até a interação e os fatores biológicos etc. Bronfenbrenner tem uma visão sistêmica levando a isso, mas nossa visão tem característica mais semiótica. Estamos desenvolvendo vários projetos usando essa visão. Tenho doze orientandos que estão desenvolvendo pesquisas sobre temas como, por exemplo, episódios de doença de bebês em creches que desencadeiam uma rede de significações, a inclusão de crianças com paralisia cerebral na pré-escola e por aí. Em geral, escolhemos situações de crise que favorecem a mobilização de elementos dos quais precisamos dar conta para conseguir explicar sua processualidade na modificação do desenvolvimento. Estudamos até indivíduos que têm trajetória de crimes e interromperam - ou continuaram - nessa trajetória. Uma parte importante do Cindedi é trabalhar como a organização do espaço propõe novas formas de ação. Tenho também uma atividade muito grande em termos de participação em sociedades internacionais. Participei da fundação da *International Society for the Study of the Beha-*

avior Development, no final da década de 70, que entende o desenvolvimento como sendo um ciclo vital que vai da concepção até a velhice. Mas discuto muito nossa participação nessas entidades, observando como as relações de poder, o colonialismo internacional, se refletem ali. Eu recebo muitas propostas para organizar cursos em que eles viriam aqui nos ensinar coisas. Minha resposta é sempre de que não é o caso de eles virem nos ensinar, mas, como o Valsiner vêm, de virem ouvir nossas experiências. Mas acho que nós estamos conquistando nosso espaço e, para isso, os brasileiros têm de participar de congressos, apresentar o que estão fazendo. Precisamos deixar nosso complexo de inferioridade e sentir que podemos fazer pesquisas de bom nível. Itália e França são muito envolvidas em educação infantil, países escandinavos também. Mas os Estados Unidos estão bem para trás, inclusive porque predomina lá e na Inglaterra a idéia liberal de que a família deve criar a criança e isso não é responsabilidade do coletivo. Em 1993, participei de uma reunião internacional em Sevilha envolvendo umas 30 pessoas de vários países na área de educação infantil quando ocorreu um racha entre europeus e americanos. Os europeus diziam: "Vocês dominam o mercado editorial e o abarrotam com estudos superados questionando se a educação coletiva da criança faz bem ou mal, coisa de 20 anos atrás. As famílias não estão questionando, elas estão demandando; e as crianças já estão sendo criadas coletivamente de uma série de formas. As creches existem, estão sendo freqüentadas, precisam de qualidade e vocês continuam nisso". Essa briga para mim foi a glória, porque mostrou que também os europeus estão sendo postos de lado no mercado de publicações científicas. Então, não podemos mais reagir com um "não temos com o que contribuir". Agora, participar exige da gente um esforço muito sério. ●

RENOVE SEU SABER PARA O SÉCULO XXI

A Educação Inclusiva na Deficiência Mental

início: 13/02/2001

**horário: terças e quintas-feiras,
das 19 às 22h30.**

Psicopedagogia

início: 05/03/2001

**horário: segundas e sextas-feiras,
das 13h30 às 17h30.**

Terapia Familiar e de Casal

início: 06/03/2001

**horário: terças-feiras,
das 15h30 às 19h30.**

Psicologia e Saúde: psicologia hospitalar

início: 09/03/2001

**horário: sextas-feiras,
das 14 às 18horas.**

Psicologia Clínica: teoria psicanalítica

início: 06/03/2001

**horário: terças e quintas-feiras,
das 20h15 às 22h45.**

Abordagem Junguiana: leitura da realidade e metodologia de trabalho

início: 09/03/2001

**horário: sextas-feiras
das 14 às 18h30.**

Psicanálise e Linguagem: uma outra psicopatologia

início: 09/03/2001

**horário: sextas-feiras, das 17 às 21horas
e quinzenalmente aos sábados, das 9 às 13 horas.**

Psicodrama - Curso de Formação

início: 02/03/2001

**horário: sextas-feiras das 19h30 às 21h30 e sábados das 9 às 13h30.
um sábado por mês, das 15 às 18 horas (atos socionômicos) .**



PUC-SP

Consulte-nos:

<http://cogeae.pucsp.br> - Tel: (0xx11)3873-3155

Vagas limitadas - realização sujeita ao número mínimo de inscrições.



As especificidades da orientação psicológica pela Internet

Conforme a Resolução CFP nº 003/2000, "são reconhecidos os serviços psicológicos mediados por computador, desde que não psicoterapêuticos, tais como orientação psicológica e afetivo-sexual, desde que pontuais e informativos (...)". Notamos que é necessário providenciar uma definição mais precisa sobre as diferenças entre orientação psicológica e psicoterapia. Outras resoluções poderão dar conta dessa diferen-

viada por uma pessoa é recebida por todos os demais participantes. Já existem listas de discussão que envolvem aspectos específicos da Psicologia, como orientação sobre sexualidade, orientação para pais de crianças portadoras de necessidades especiais, como autismo, e outras. Atualmente, a participação dos psicólogos nas listas é voluntária. Torna-se uma comunidade virtual em que há possibilidade de

novas tecnologias de mediação exige uma formação específica do psicólogo. Além do conhecimento sobre a área representada pelo tema de discussão do grupo (por exemplo, universo jovem, minorias sexuais, crianças com necessidades especiais e seus pais etc.), o psicólogo deve também saber o modo de operação dos diversos canais de comunicação existentes na Internet, bem como compreender a dinâmi-

A modalidade assíncrona permite ao psicólogo informar-se para dar alguma resposta que não seja de seu conhecimento imediato, também permite um tempo para refletir antes de responder, quando o caso é complicado. Embora os psicólogos envolvidos nesse tipo de comunidade façam seu trabalho voluntariamente, devemos ter em mente que o saber técnico do psicólogo contribui qualitativamente para a discussão mantida pelo grupo. Assim, acreditamos que está aberta a possibilidade de criar serviços psicológicos de orientação por listas de discussão, que serão cobrados, envolvendo o psicólogo de fato profissionalmente. Esses serviços poderiam ser oferecidos conjuntamente com uma homepage informativa. Acreditamos que trabalhar com essas novas tecnologias de mediação exige uma formação específica do psicólogo. Além do conhecimento sobre a área representada pelo tema de discussão do grupo (por exemplo, universo jovem,

ciação, que também deverá ser melhor detalhada em futuros artigos produzidos pelo Grupo de Trabalho de Psicologia e Informática (GT ATMC). Lembramos também que, pela mencionada Resolução, mesmo os serviços de orientação psicológica pela Internet devem ser devidamente cadastrados nos respectivos conselhos, recebendo um selo de autenticação conferido pelo CFP.

Neste artigo, vamos considerar algumas especificidades técnicas da orientação psicológica na Internet. Ela pode ocorrer em modalidades assíncronas (e-mail, listas de discussão, artigos produzidos a partir de perguntas motivadoras) ou em modalidades síncronas (chats, MUDs, ambientes com avatares virtuais). Chamamos a atenção, neste momento, para o amplo potencial representado pelas listas de discussão e pelos fóruns. Nessa modalidade de comunicação, várias pessoas participam, enviando e recebendo mensagens de forma assíncrona. Toda mensagem en-

trocar informações com outros profissionais, dar orientações genéricas ao grupo, recomendar bibliografia específica, esclarecer dúvidas e encaminhar, quando necessário, para centros clínicos.

A modalidade assíncrona permite ao psicólogo informar-se para dar alguma resposta que não seja de seu conhecimento imediato e também permite um tempo para refletir antes de responder, quando o caso é complicado. Embora os psicólogos envolvidos nesse tipo de comunidade façam seu trabalho voluntariamente, devemos ter em mente que o saber técnico do psicólogo contribui qualitativamente para a discussão mantida pelo grupo. Assim, acreditamos que está aberta a possibilidade de criar serviços psicológicos de orientação por listas de discussão, que serão cobrados, envolvendo o psicólogo de fato profissionalmente. Esses serviços poderiam ser oferecidos com uma homepage informativa.

Acreditamos que trabalhar com essas

ca de interação de grupos virtuais (informando-se com as pesquisas já realizadas nessa área por psicólogos, antropólogos, sociólogos, linguistas). Também deve ser capaz de entender especificidades da linguagem hipermídia, para estabelecer um diálogo com equipes técnicas de sites responsáveis pela criação e pelo design dos canais, assim como por sua viabilização técnica - precisa saber comunicar-se com uma equipe jornalística. Percebe-se que tanto na área de criação quanto na de execução, o psicólogo precisa trabalhar em equipe interdisciplinar, com técnicos em informática, comunicadores, jornalistas, web designers. Para tanto, é preciso estar aberto ao diálogo com as diferentes visões e estratégias de trabalho.

**Elisa Sayeg, Fabiana Maiorino,
Ivelise Fortim de Campos
e Oliver Zancul Prado**

GT ATMC - gtatmc@crpsp.org.br.

Capistrano, referência em políticas de saúde pública

A trajetória de um dos maiores sanitaristas do Brasil interrompeu-se no último dia 10 de novembro. David Capistrano da Costa Filho, que lutou contra a leucemia por 18 anos, morreu após se submeter a um transplante de fígado.

Porém, o legado que ele deixou na área da saúde pública ainda produzirá muitos frutos. Prefeito de Santos entre 1993 e 1996, Capistrano foi um dos criadores das Casas de Parto, pioneiro também na distribuição de seringas a viciados em drogas, de acordo com os novos programas de "redução de danos" preconizados nos casos de drogadicção.

Em 1994, Santos era a cidade brasileira com maior número de casos de Aids, com 97,94 ocorrências por grupo de 100 mil habitantes. Em 1996, esse número foi reduzido a uma taxa de 81,44. A atuação de Capistrano alcançou, inclusive, a luta antimanicomial. Ele foi considerado referência mundial em política contra internações agressivas em hospitais psiquiátricos. Nascido em Recife, onde iniciou sua carreira política, era filho de militantes históricos do Partido Comunista. Foi preso aos 15 anos, após o golpe militar de 1964. Depois de solto, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde cursou a Faculdade de Medicina da UFRJ. Seu sepultamento aconteceu no Cemitério Memorial, na cidade de Santos, com a presença de autoridades e expoentes da política nacional, dentre eles nomes do PT, como Luiz Inácio Lula da Silva, José Dirceu, José Genoíno e Eduardo Suplicy, além de José Serra, do PSDB.

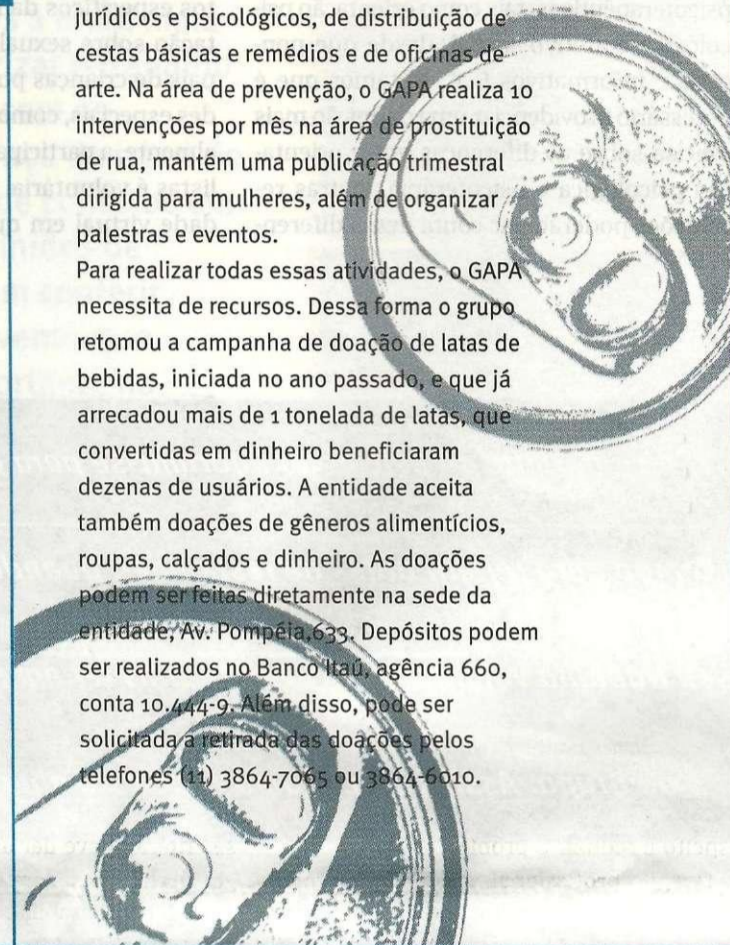
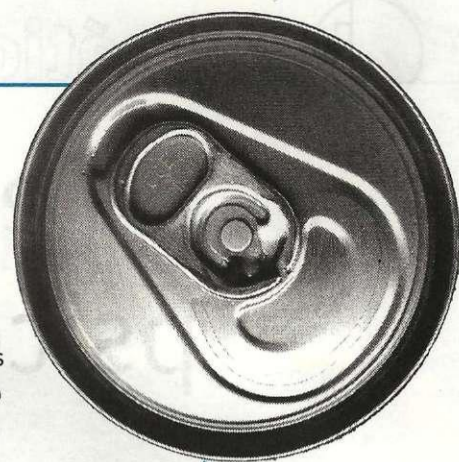


Capistrano: prefeito de Santos entre 1993 e 1996.

Latas na luta contra a Aids

O Grupo de Apoio à Prevenção à Aids, GAPA, foi a primeira entidade não-governamental que ousou trabalhar com a epidemia. Fundado em 1985, o grupo tem centrado suas ações na assistência e na prevenção, criando modelos de trabalho comunitário e influenciando de maneira decisiva a construção de políticas públicas em Aids no Brasil. O grupo atende 250 portadores diretamente e 1.250 pacientes indiretamente por meio de serviços jurídicos e psicológicos, de distribuição de cestas básicas e remédios e de oficinas de arte. Na área de prevenção, o GAPA realiza 10 intervenções por mês na área de prostituição de rua, mantém uma publicação trimestral dirigida para mulheres, além de organizar palestras e eventos.

Para realizar todas essas atividades, o GAPA necessita de recursos. Dessa forma o grupo retomou a campanha de doação de latas de bebidas, iniciada no ano passado, e que já arrecadou mais de 1 tonelada de latas, que convertidas em dinheiro beneficiaram dezenas de usuários. A entidade aceita também doações de gêneros alimentícios, roupas, calçados e dinheiro. As doações podem ser feitas diretamente na sede da entidade, Av. Pompéia, 633. Depósitos podem ser realizados no Banco Itaú, agência 660, conta 10.444-9. Além disso, pode ser solicitada a retirada das doações pelos telefones (11) 3864-7065 ou 3864-6010.



Livros | Lançamentos

O problema da identificação em Freud – recalçamento da identificação feminina primária

De Paulo de Carvalho Ribeiro. O autor propõe, discute e defende a tese da universalidade de uma identificação feminina primária recalçada. Desenvolve seu trabalho em dois tempos: primeiro, percorre cuidadosamente a obra de Freud, mostrando ao leitor como e em que momentos cruciais da construção de sua teoria o fundador da Psicanálise sofre da impossibilidade de reconhecer uma identificação feminina primária, recalçando-a. Paulo Ribeiro mostra, então, que as limitações daí decorrentes denunciam-se em uma "oníausência" dessa identificação na teoria freudiana. Das lacunas daí resultantes, vê-se um empobrecimento e até mesmo uma distorção da articulação entre a escuta clínica e a construção teórica. Editora Escuta, (11) 3672-8345. 320 páginas, R\$ 35,00.

Desejo de Deus, diálogo entre Psicanálise e fé

De Juan Guillermo Droguett. O livro busca criar um diálogo entre psicanálise e religião. De um lado, a psicanálise como instrumento de corrosão da moral e da fé e, de outro, a religião como adversária da emancipação humana. A importância do livro do psicanalista e ex-religioso Juan Guillermo Droguett está em tentar superar o fosso existente entre elas sem sacrificar

nem a vitalidade da experiência religiosa nem o conhecimento da alma humana proporcionado pela Psicanálise. Editora Vozes, (24) 237 5112. 157 páginas, R\$16,00.

Auto-estima para homossexuais – Um guia para o amor - próprio

De Kimeron Hardin. Homens e mulheres homossexuais têm uma dificuldade a mais para cultivar a auto-estima. Escrito por um psicólogo gay, este guia serve de auxílio para quem se sente oprimido em seu ambiente de trabalho ou tenha dificuldade para se assumir perante a família. Um guia prático, também voltado para psicólogos que atendam a clientes homossexuais. Edições GLS, (11) 539-2801. 248 páginas, R\$ 29,40.

Saúde mental no Brasil

De Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Esse livro traz dois importantes temas. Num primeiro momento percorre a história da saúde mental no Brasil com um enfoque multiprofissional e multidisciplinar que destaca outras áreas, além da psiquiatria. Depois descreve as vicissitudes dos profissionais "psi" em seu cotidiano de trabalho. O livro procura valorizar essa preocupação com o humano, levando o leitor a refletir sobre a atuação, o desempenho e a ética profissional dentro da saúde mental. Editora Arte e Ciência, (11) 253-0746. 192 páginas, R\$ 18,00.

Um inconsciente pós-colonial, se é que ele existe

Vários autores. A obra retoma conferências proferidas na Associação Freudiana Internacional de Paris que discutem a presença de traços coloniais na linguagem, na literatura e na arte latino-americanas. Ed. Artes e Offícios, (11) 3068-9433. 320 páginas, R\$ 29,00.

Ação afirmativa e diversidade no trabalho: Desafios e perspectivas

Organizado por Maria Aparecida Silva Bento. Fruto do seminário "Inclusão no Trabalho: Desafios e Perspectivas", realizado em 1999 pelo CRP SP, Sinpsi, Ceert e Aparh. Os textos discutem a necessidade de as empresas refletirem, em seu quadro funcional, a pluralidade da sociedade. Editora Casa do Psicólogo, (11) 3062-4633, 120 páginas, R\$20,00.

Mutações do cativo – Escritos de Psicologia e Política

De Maria Helena Souza Patto. A autora levanta a percorrer vários campos da cultura que trazem a marca da chamada modernidade ocidental. Voltado para as formas insidiosas de submissão das pessoas e de grupos, o pensamento da autora é rigorosamente crítico com relação aos campos sobre os quais incide sua capacidade analítica (por exemplo, a arte, a filosofia, a ciência) e contundente na discussão que faz dos temas que nesses campos recorta. Hacker Editores, (11) 3735-7028. 224 páginas, R\$ 27,00.

Sigilo profissional: não há como padronizar comportamentos

São frequentes as consultas ao Centro de Orientação e às subseções do CRP SP sobre a questão do sigilo profissional. Considerando que nosso Código de Ética (em seus artigos 21 e seguintes) é bastante claro sobre as normas de conduta referentes ao tema, concluímos que se os psicólogos nos consultam é porque a prática profissional tem trazido situações novas que exigem reflexão e interpretação dos mencionados artigos. Em nossas respostas, temos nos pautado pelas seguintes considerações:

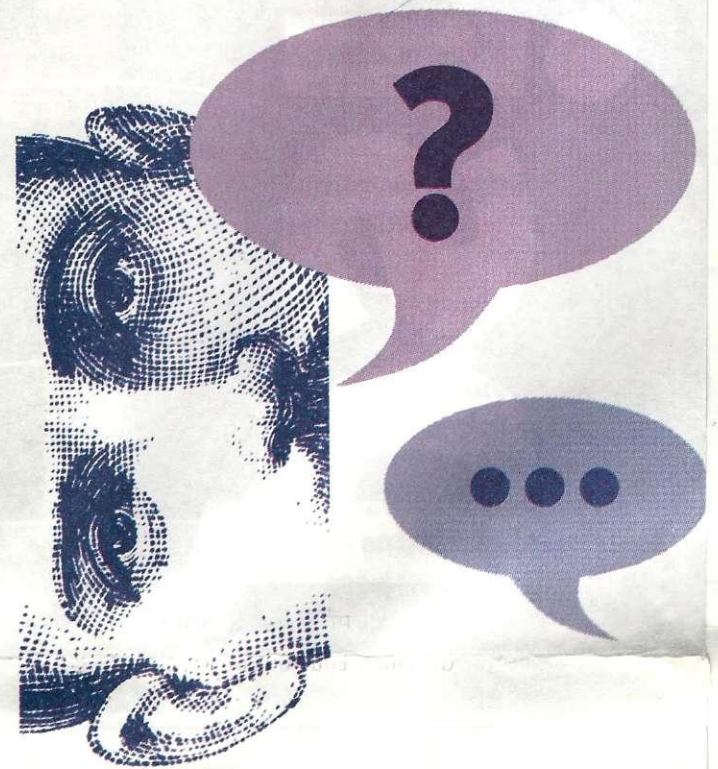
Não pretendemos definir nem impor comportamentos-padrão, mas dar ao psicólogo condições de tomar suas decisões. No artigo 27, por exemplo, é mencionado o “imperativo de consciência”, que se refere a uma decisão pessoal do psicólogo, o único capaz de avaliar o quanto a quebra do sigilo pode significar uma proteção à pessoa atendida ou a terceiros. Para isso, o conhecimento do caso, em todas as suas dimensões, é indispensável. Em situações terapêuticas, principalmente com crianças, nas quais é favorecida a expressão livre de sentimentos e fantasias, a avaliação do quanto essas se calcam em fatos reais pode exigir discussão aprofundada do caso, além de supervisão. Normatizar a respeito é reduzir o problema.

O sigilo profissional, em qualquer código de ética, tem por finalidade proteger a pessoa atendida. Muitas vezes, o Conselho é

procurado como escudo protetor do profissional, que não se sente em condições de enfrentar situações difíceis que envolvem a Justiça e que passaram a ser cada vez mais frequentes. Há casos em que o psicólogo pede respostas por escrito para assim respaldar sua conduta. O Conselho tem-se recusado a isso e se negado a assumir o papel autoritário e legalista que desse modo lhe querem impor. Quando solicitado, o Centro de Orientação sugere ações possíveis, fundamentando-as na interpretação do Código de Ética. Em processos judiciais, um documento do CRP SP pode ser utilizado pelas partes envolvidas como peça de defesa ou acusação, inviabilizando um julgamento isento, no caso de haver processo ético. É para proteger o psicólogo que não fornecemos respostas por escrito.

O sigilo profissional não deve impedir o psicólogo de ser incluído em projetos que visam a benefícios sociais para a população, na área da saúde. Os psicólogos que trabalham em hospitais e/ou unidades básicas e que se assumem como profissionais da saúde não podem se recusar a preencher prontuários que objetivam informar e mesmo integrar ações referentes à pessoa atendida. Baseados nesse critério, deve dar as informações que julgar pertinentes, sem entrar na dinâmica do caso. É responsabilidade ética da instituição manter o sigilo de seus arquivos.

Sem esgotar a questão, concluímos citando um parágrafo da exposição de motivos do Código de Ética Profissional do Psicólogo (págs. 95/96 do Manual de Orientação 2000): “Um código é como um mapa de uma cidade, em que as grandes avenidas assinalam os principais caminhos de onde decorre a vida para as ruas e praças, as quais, em seu conjunto, encerram o cotidiano, o escondido, o familiar e o tipo de cidade”. ●



Agenda

Janeiro

- [11] **Gravação do Projeto Diálogos com a psicóloga Raquel Guzzo**
Organização: Comissão de Comunicação. Horário: 19h00. Local: Auditório da Sede do CRP SP.
- [25] **I Ciclo de Debates “Psicologia e Justiça” – Tema: “Criminalidade e Seus Aspectos Psicossociais”**
Organização: Subseção de Assis CRP SP. Horário: 14h00. Local: Clube de Cinema, Av. Sampaio Vidal, 245, Marília, SP. Informações: (18) 322-6224 ou 322-3932, e-mail: assis@crpsp.org.br
- [25 a 30] **Fórum Social Mundial (ocorre em oposição ao Fórum Econômico Mundial de Davos, Suíça)**
Organização: Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos, Attac, França; Public Citizen, EUA; Comissão Brasileira de Justiça e Paz. Local: Campus da PUC-RS.

Fevereiro

- [22] **I Ciclo de Debates “Psicologia e Justiça” – Tema: “O Psicólogo Na Justiça: A Que Serve Ou a Quem Serve”**
Organização: Subseção de Assis. Horário: 14h00. Local: Anfiteatro da Unoeste, Rua José Bongiovani, 700, Presidente Prudente, SP. Informações: (18) 322-6224 ou 322-3932; e-mail: assis@crpsp.org.br

Abril

- [4 a 7] **II Congresso Ibero-americano de Psicologia Clínica e da Saúde**
Organização: Assoc. Psicológica Ibero-americana de Clínica e Saúde. Local: Guarujá, SP. Informações: (43) 338-5476, site: www.apicsa.com
- [11 a 14] **A Odisséia Lacaniana – Colóquio Internacional: Lacan no Século**
Organização: Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Local: Hotel Glória, Rio de Janeiro, RJ. Informações: (21) 537-1786, email: fclclrio@alternex.com.br

- [26 a 29] **III Congresso Ibero-americano de Psicodrama**
Organização: Sociedade Portuguesa de Psicodrama. Local: Hotel Solverde, Porto, Portugal. Informações: Homepage: www.terravista.pt/enseada/1014/ibero_americano.htm

Maio

- [13 a 17] **VII Congresso Internacional de Saúde na Adolescência, VIII Congresso Brasileiro de Adolescência e III Congresso da Asbra**
Organização: Sociedade Brasileira de Pediatria. Informações: (71) 264-3477; email: eventos@cpunet.com.br e homepage: www.cpunet.com.br/eventus
- [23 a 26] **II Congresso Norte Nordeste de Psicologia**
Organização: CRP 03 e Dep. de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Local: Centro de Convenções, Salvador, BA. Informações: www.ufba.br/~conpsi

Atenção: Auditório do CRP SP
Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América, SP, SP | Informações: (11) 3061-9494 | e-mail: info@crpsp.org.br | site: www.crpsp.org.br